

próximo Next FuturoFuture

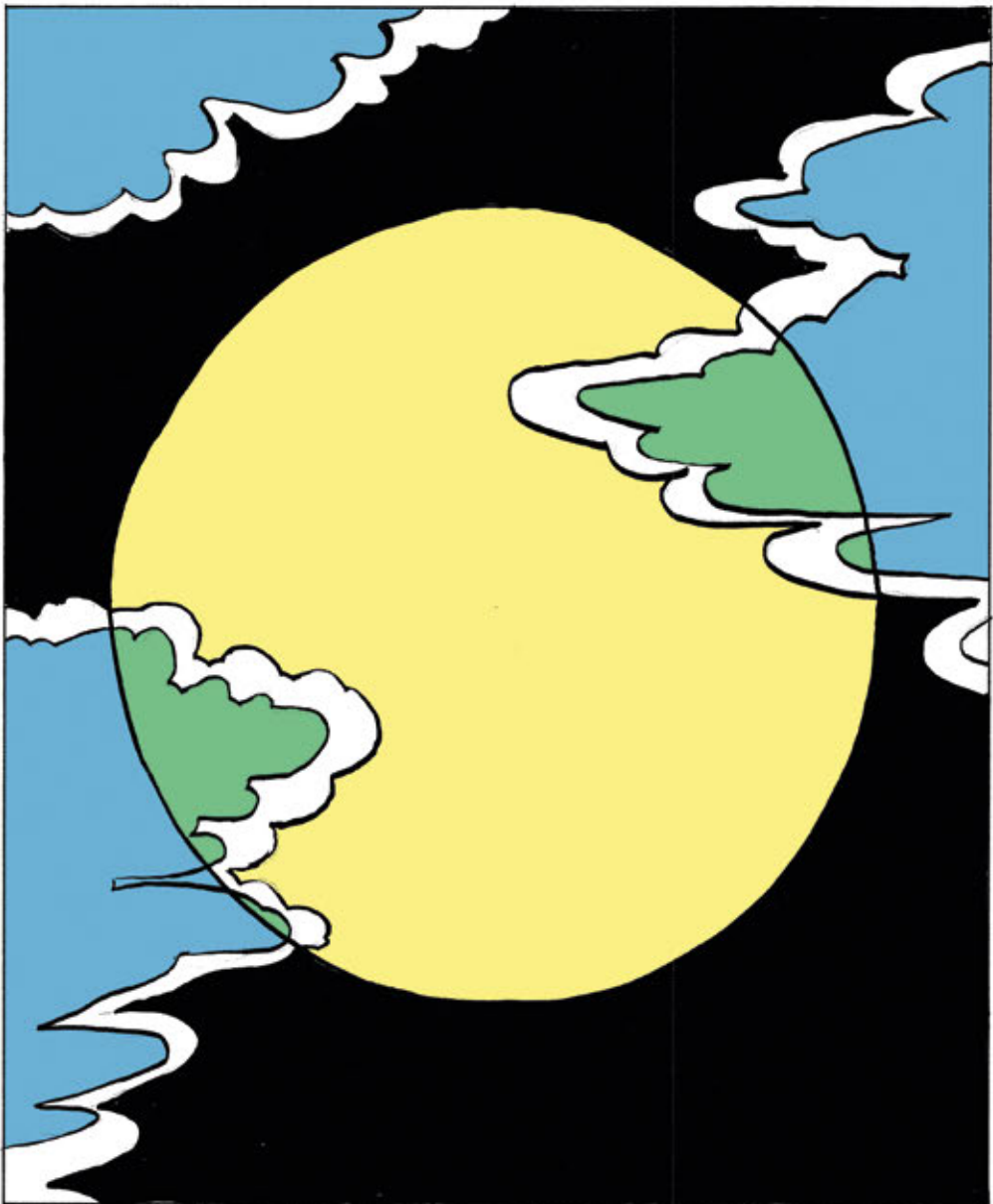
 GULBENKIAN
PRÓXIMO FUTURO



O PROBLEMA FRANCISCO APARECEU PRIMEIRO EM ÁFRICA, MAS ENCONTRA-SE AGORA CIRCUNSCRITO A LONDRES, ONDE ORA E LABORA EM BANDA DESENHADA, ARTE, ESCRITA, ARQUITECTURA, ARRUMAÇÃO DE CARROS E VARRIMENTO DE PASSEIOS.



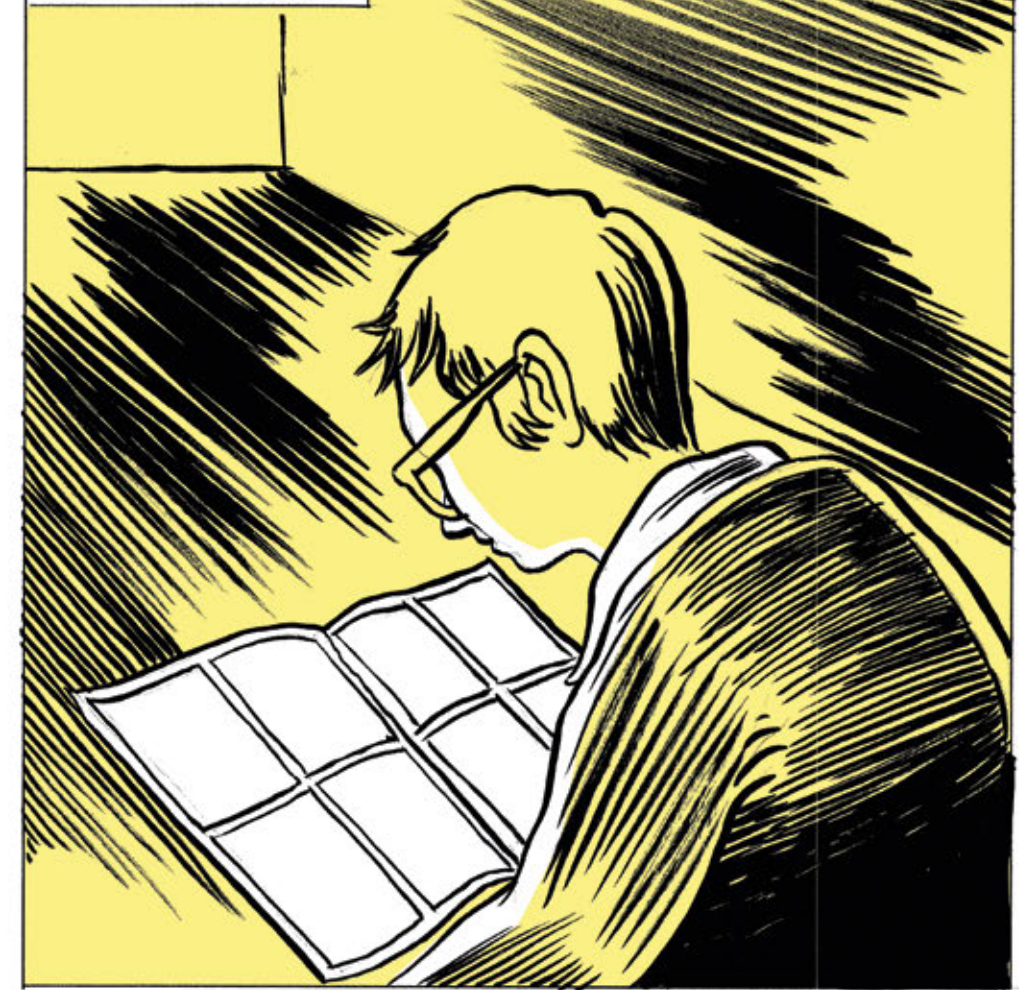
UM TRIUNVIRATO REINAVA SOBRE UM PAÍS FICTÍCIO E O PROBLEMA FRANCISCO NÃO PODIA ENTRAR, E TINHA DE BEBER COPOS DE ÁGUA DE CASTIGO, E ESPERAR PELO PAI NATAL NUMA JANELA DE PARIS, E O PAI NATAL NÃO VEIO. O PAI NATAL NUNCA HAVERIA DE VIR.



O PROBLEMA FRANCISCO APARECEU COMO RESULTADO NÃO DE UMA UNIÃO CARNAL ENTRE SEUS PAIS MAS DE UMA CONSPIRAÇÃO FICTÍCIA ENTRE SEUS IRMÃOS MAIS VELHOS E UMA PRIMA QUE TAMBÉM SE METEU AO BARULHO.



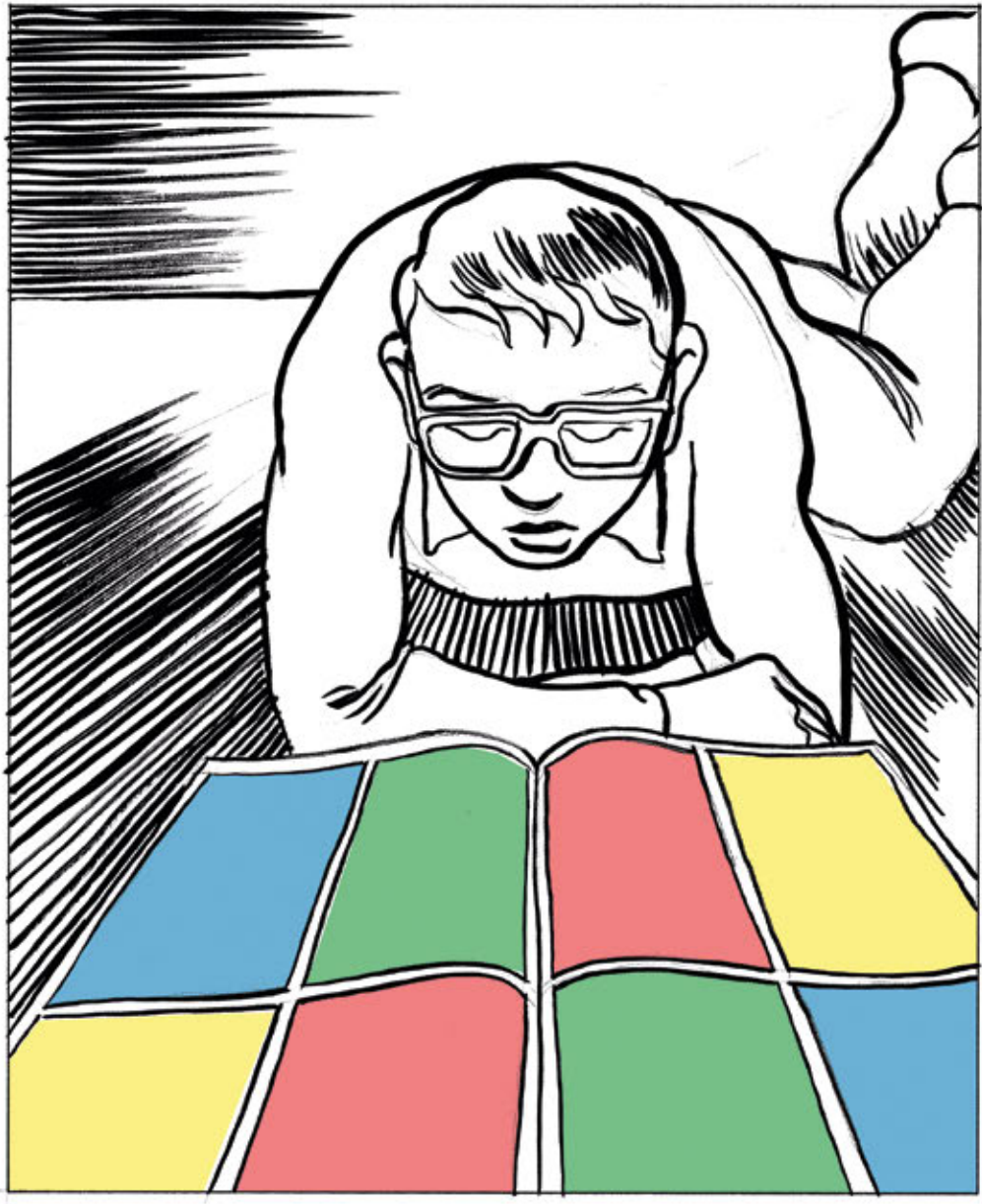
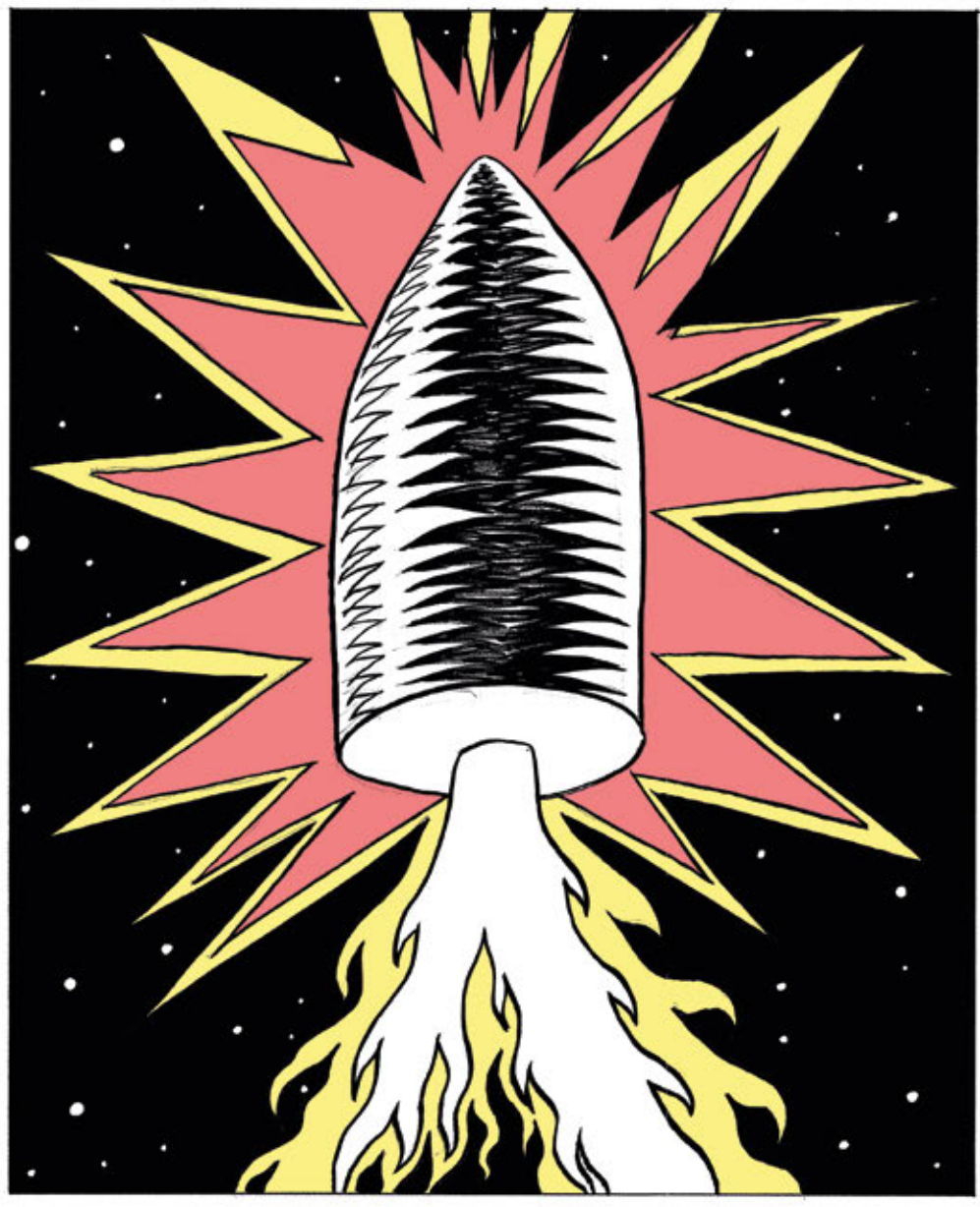
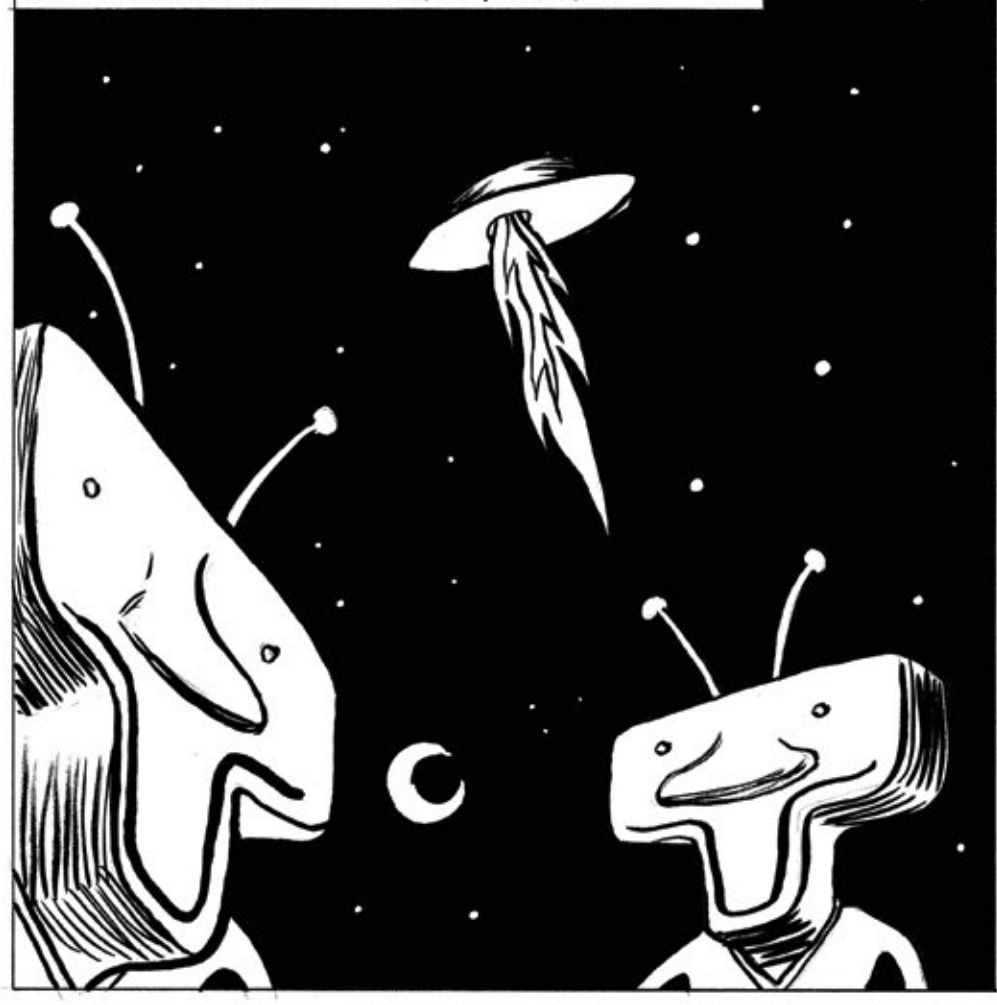
DESDE CEDO QUE O PROBLEMA FRANCISCO MOSTROU UM INTERESSE QUASE DOENTIO PELO DESENHO, TALVEZ COMO REPRESÁLIA, TALVEZ PARA TER TAMBÉM O SEU PRÓPRIO MUNDO, O SEU PORTUGAL DOS PEQUENITOS, O SEU ESPAÇO DE INTROSPECÇÃO.



O PROBLEMA FRANCISCO ENTRAVA NOS LIVROS DE BANDA DESENHADA COM UMA SOFREGUIDÃO A UM TEMPO NAUFRAGA E SEQUIOSA. GRAFITAVA A CASA E O PAPEL MOEDA E AS PUBLICAÇÕES DOS IRMÃOS COM A MARCA AMARELA DE BLAKE AND MORTIMER, ESCOLHENDO ASSIM O LADO DO MAL.



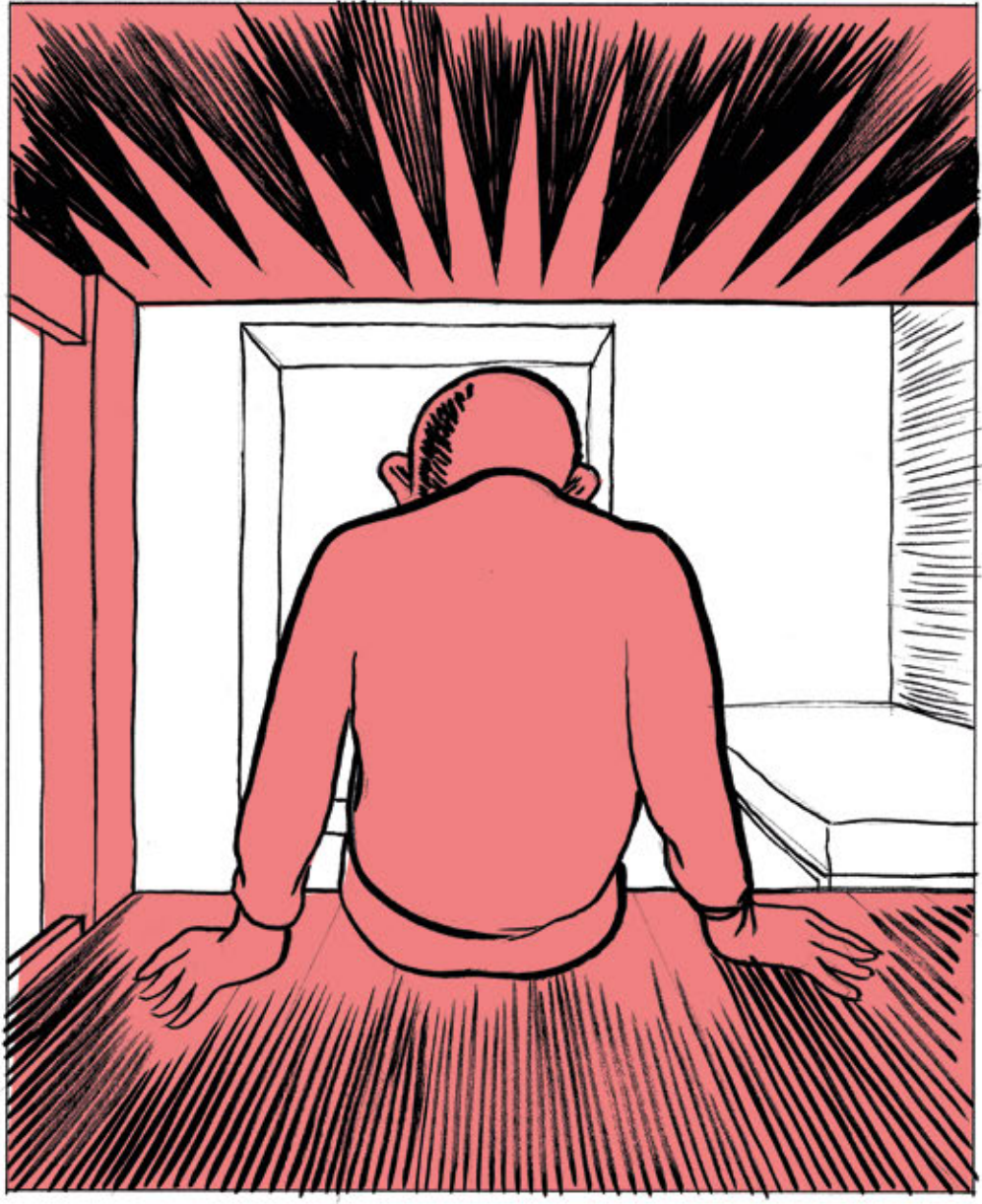
O PROBLEMA FRANCISCO COMEÇOU A FAZER BANDAS DESENHADAS PRIMEIRO A PARTIR DOS SEUS SONHOS, DEPOIS A PARTIR DE JÚLIO VERNE, E POR FIM HISTÓRIAS DE HORROR E FICÇÃO CIENTÍFICA. MAS ERA MUITO CEDO PARA QUE O PROBLEMA FRANCISCO PUBLICASSE O QUE QUER QUE FOSSE.



E O LADO DO MAL É A LITERATURA, A ARTE, E TUDO O QUE HÁ DE MAIS NOCIVO E INFÉRTIL NESTA TERRA DE DEUS DESCONHECIDO. O PROBLEMA FRANCISCO É O PROBLEMA DA VERGONHA.



O PROBLEMA FRANCISCO GOSTAVA DE RAPARIGAS E ERA ESSE O GRANDE PROBLEMA DO FRANCISCO. DESENHOU UMA HISTÓRIA ERÓTICA E ALGUÉM DESCOBRIU E RASGOU TUDO EM PÚBLICO E O PROBLEMA FRANCISCO PASSOU A SER UM PROBLEMA PÚBLICO.



DURANTE DITO ANOS O FRANCISCO NÃO DESENHOU MAMINHAS E FOI A MISSA TODOS OS DOMINGOS ATÉ QUE HOVE O REFERENDO DO ABORTO E QUALQUER COISA SE DESMANCHOU. NO PRÓPRIO DOMINGO DO REFERENDO O PADRE EXORTOU QUE NOS COLOCÁSSEMOS DO LADO DA VIDA E FÔSSEMOS VOTAR CONTRA A MORTE, E GANHOU O NÃO E AO FRANCISCO PÔS-SE O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO.

ESTAMOS DO LADO DA VIDA OU DO LADO DA MORTE?



VIDA



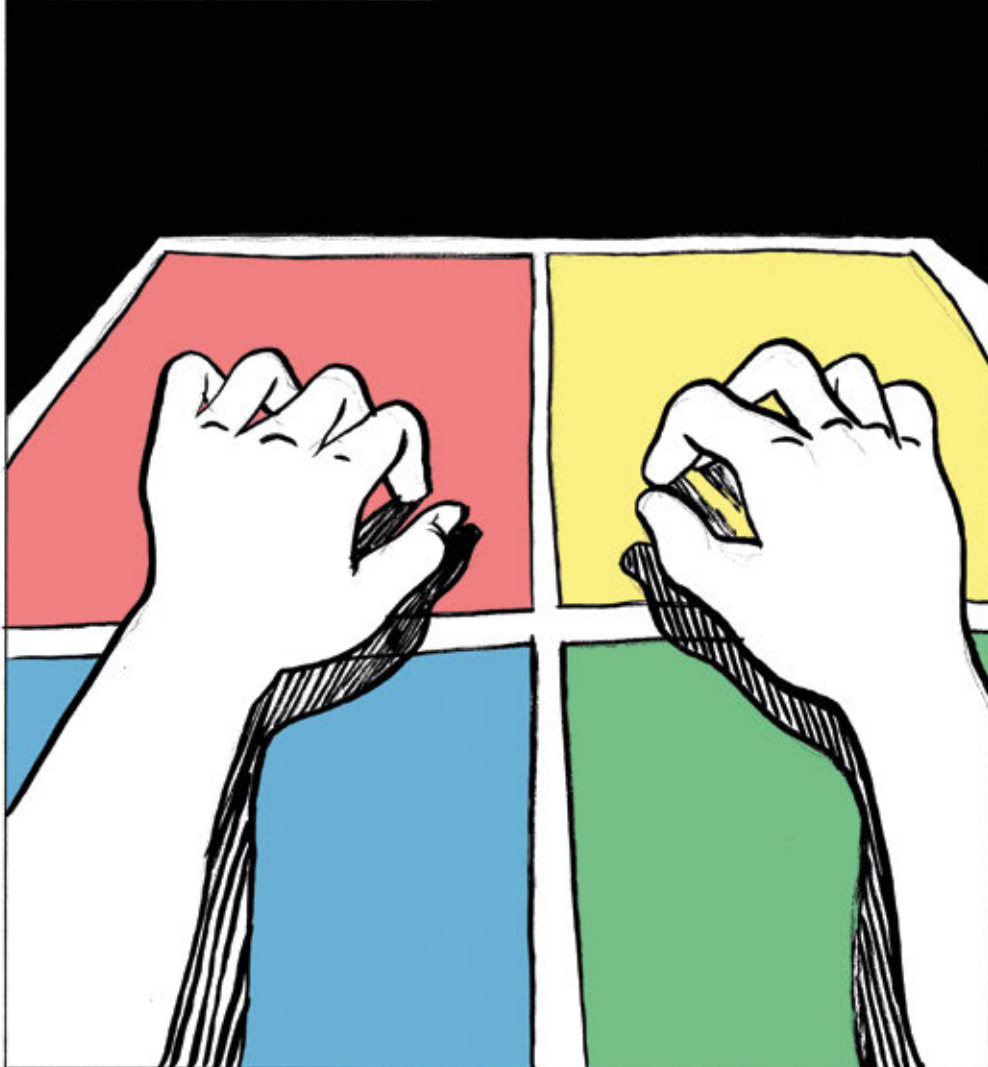
QUAL SANTO AGOSTINHO ANTES DA EPIFANIA, O PROBLEMA FRANCISCO ERA UM PROBLEMA DE CULPA. CRIOU UM ESPAÇO INFECTO E ESTANQUE PARA A FANTASIA.



MORTE



ENTRETANTO O PROBLEMA FRANCISCO TINHA VOLTADO A DESENHAR HISTÓRIAS ERÓTICAS, EM BANDA DESENHADA, PARA CONSUMO PRIVADO.



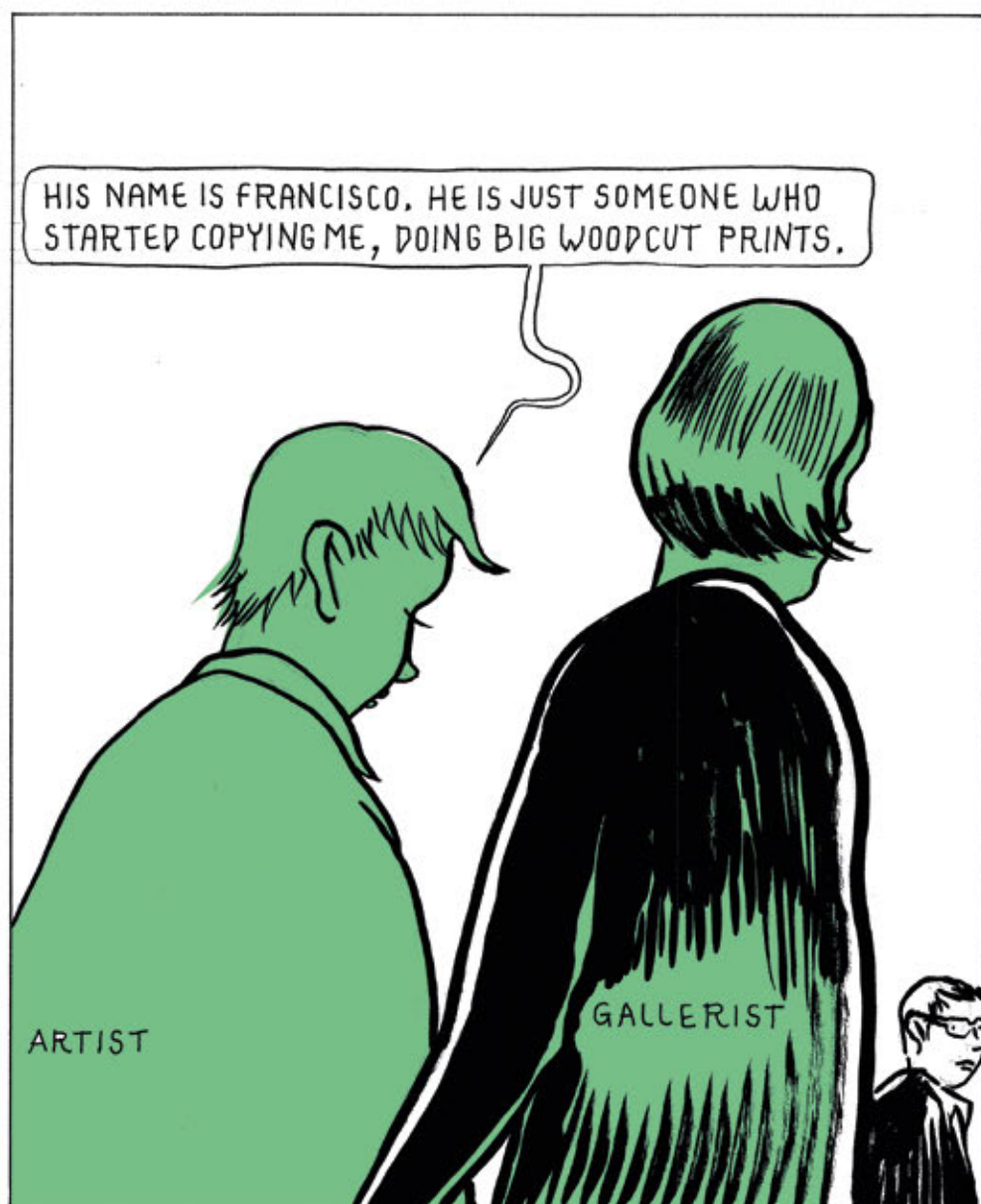
O PROBLEMA DO FRANCISCO PASSOU A SER UM PROBLEMA DE BANDA DESENHADA E A BANDA DESENHADA PASSOU A SER UM PROBLEMA DO FRANCISCO.



DEPOIS O PROBLEMA FRANCISCO FOI PARA LONDRES ESTUDAR ARTE E
ESCREVER SOBRE DESENHO, E NA ARTE ENCONTROU MAIS UM
PROBLEMA, JA' QUE A BANDA DESENHADA E O DESENHO ERAM O
ABORTO DAQUELE SERMÃO. ERA PRECISO ESCOLHER O LADO DA
ARTE E O FRANCISCO PASSOU A FAZER GRANDES XILOGRAVURAS
DE MACACOS E DE CONSTRUÇÕES COR DE PROZAC.



POR DUAS VEZES O FRANCISCO ENCONTROU ESPERTOS EM
INAUGURAÇÕES, E INFINITAS VEZES VIU ESPERTEZA MAIS
SOFISTICADA NAS PESSOAS DO CRÍTICO E DO ARTISTA.



OBSERVATÓRIO DE ÁFRICA, AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS

40 Anos de Independências: Crescimento ou Desenvolvimento? — pág. 10
Outras Literaturas: Banda Desenhada — pág. 12
Outras Literaturas: Policial — pág. 18
Outras Literaturas: Ficção Científica — pág. 20

9, 15, 16 MAIO 2015

PORTEFÓLIO

Diogo Bento — pág. 14

GRANDES LIÇÕES

Walter D. Mignolo — pág. 22

30 MAIO 2015

OBSERVATÓRIO DE ÁFRICA, AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS 40 ANOS DE INDEPENDÊNCIAS: CRESCIMENTO OU DESENVOLVIMENTO?

EM COLABORAÇÃO COM O PROGRAMA GULBENKIAN PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

9 MAIO SÁBADO, 15:00 - 18:00 / AUDITÓRIO 3 - ENTRADA LIVRE



MARIA HERMÍNIA CABRAL (Portugal)
Moderadora

Com esta conferência pretende-se partilhar e trazer para análise os diferentes percursos que foram feitos após as independências por estes três Estados africanos, e refletir sobre os modelos possíveis de desenvolvimento futuro em economias tão distintas com são as de Angola e Moçambique, por um lado, e Cabo Verde, por outro. Pretende-se suscitar a reflexão sobre a importância nestas economias diversas das questões de emprego, da distribuição do rendimento, da acessibilidade aos serviços básicos, da educação e formação e do impacto das novas tecnologias nestas sociedades em rápida mutação.

Diretora do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento, desde maio de 2012, foi diretora-adjunta do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano da Fundação Calouste Gulbenkian (2007–abril 2012). Tem participado, em representação da Fundação Gulbenkian, em diversos fóruns internacionais na área da cooperação para o desenvolvimento. É licenciada em Economia, pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto, e mestre em Cooperação e Desenvolvimento Internacional, pelo Instituto Superior de Economia e Gestão, em 1997.



JOSÉ LUÍS LIVRAMENTO DE BRITO (Cabo Verde)

CABO VERDE, 40 ANOS DE INDEPENDÊNCIA: CRESCIMENTO OU DESENVOLVIMENTO?

Começar-se-á por caracterizar Cabo Verde no período da Independência, em termos gerais, ressaltando quatro aspetos fundamentais: o grande isolamento em relação ao seu espaço geográfico, a ausência de um espaço económico regional dinâmico, a opção por um modelo de economia de planificação centralizada no pós-independência e a inexistência de uma base produtiva anterior à independência, bem como alguns dados socioeconómicos então prevaletentes. Abordar-se-ão ainda as dinâmicas pós-independência, primeiro interrogando o comportamento dos herdeiros políticos, para depois refletir sobre a sua evolução em seis pontos, a saber: a Economia de Renda; a Ancoragem Económica e Financeira; a Economia Informal e a Produtividade (Fatores / Capital Humano); Níveis de Pobreza e de Desigualdade Social; Enquadramento nos Índices Internacionais; e as Conjunturas Económica e Política e seus resultados. Concluir-se-á com a síntese dos grandes resultados dos 40 anos de Cabo Verde independente, respondendo à questão de base: “Cabo Verde, 40 anos, crescimento ou desenvolvimento?”

Licenciado em Engenharia Eletrotécnica pelo Instituto Superior Técnico (IST), Mestre em Gestão/MBA pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), Doutor em Economia pela ex-Universidade Técnica de Lisboa, hoje, Universidade de Lisboa, exerceu em Cabo Verde, funções profissionais como Administrador dos Seguros Garantia, PCA e Diretor-Geral dos ex-Correios e Telecomunicações e funções políticas como Deputado Nacional, Secretário de Estado da Economia e Ministro da Educação, Ciência, Cultura, Juventude e Desportos.



NELSON PESTANA (Angola)

ANGOLA NOS 40 ANOS DE INDEPENDÊNCIA: RUTURAS E CONTINUIDADES

Quarenta anos depois, o percurso de Angola, como país independente, é balizado entre o modelo de desenvolvimento voluntarista de tipo socialista e o atual neomercantilismo autoritário. Este, sendo de natureza transitória, infante o Estado industrialista, cume desta alocução sobre modelos de desenvolvimento, a partir da sócio-história dos paradigmas do Estado angolano, nas suas continuidades e ruturas.

Cientista Político e exerce atualmente a função de investigador coordenador do Departamento de Estudos Sociais, do Centro de Estudos e Investigação Científica, da Universidade Católica de Angola. Doutoramento em Ciência Política, pela Universidade de Montpellier I (França). Licenciado em Direito (1987) pela Faculdade de Direito de Angola, é também professor do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED). Para além das participações em colóquios, conferências e congressos, regista uma regular produção de artigos científicos sobre o Estado, atores sociais, processo de diferenciação e movimentos de mudança em Angola. No meio literário e cultural angolano é conhecido pelo seu pseudónimo literário E. Bonavena. A sua obra consta de várias coletâneas de poesia e contos e colabora em revistas em Angola, Moçambique, Senegal, Brasil, Portugal, França, Itália e Estados Unidos.



JOÃO MOSCA (Moçambique)

MOÇAMBIQUE: CRESCIMENTO E POBREZA

A apresentação terá como tese principal a de que Moçambique tem optado por políticas de crescimento que geram pobreza e assentes num padrão de acumulação dominante extravertido que aprofunda os dualismos económicos e sociais e a instabilidade política e social. Em Moçambique configura-se um desenvolvimento assente, por um lado em políticas expansivas não sustentadas e criadoras de um capitalismo ineficiente e pouco competitivo e, por outro lado, em políticas populistas para assegurar a estabilidade (ou a instabilidade em níveis de baixa intensidade) que permitam a reprodução do poder e a obtenção de benefícios económicos para a emergência de uma elite político-empresarial subalterna do capital internacional. Neste contexto, é natural o crescimento das economias informais que, em fase febril de riqueza futura, surgem novos setores informais associados à extração predadora de recursos naturais (ouro, pedras preciosas, madeira, marfim) e ao tráfico de droga e pessoas. O autor é solidário e signatário das vozes que reclamam por um crescimento baseado no mercado interno com prioridade para a agricultura e segurança alimentar realizada pela pequena e média exploração agrícola no âmbito do desenvolvimento rural integrado, pela absorção dos benefícios dos recursos naturais através da emergência das pequenas e médias empresas competitivas em mercado concorrencial para o aumento das relações económicas intersectoriais, criação de valor acrescentado local e geração de emprego. Para isso, sugerem-se profundas reformas no aparelho de Estado com a modernização, a despartidarização e descentralização da administração pública e a democratização das burocracias, a constituição dos alicerces de um Estado de direito e democrático, o aprofundamento da democracia e a emergência de uma sociedade civil formada, informada e com capacidade de influência e de reivindicação.

OBSERVATÓRIO DE ÁFRICA, AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS OUTRAS LITERATURAS: BANDA DESENHADA

15 MAIO SEXTA-FEIRA, 15:00 - 18:00 / AUDITÓRIO 3 - ENTRADA LIVRE



© Sérgio Sequeira

PEDRO MOURA (Portugal)
Moderador

SEM MUTANTES NEM CONSERVANTES: A BANDA DESENHADA E O DIÁLOGO INTERCULTURAL

Como poderemos – neste curto espaço de tempo e num trio de autores – dar conta do diálogo que uma dada forma artística consegue ter com o seu tecido cultural? Procurando que essa pequena constelação cubra o máximo de diferenciações possíveis no que diz respeito à forma de expressão na qual trabalham. Os três autores convidados para o encontro sobre Banda Desenhada neste Próximo Futuro não estão em 'representação' dos seus países, línguas, géneros, tipos de Banda Desenhada, ou sequer dela mesma enquanto disciplina. O trabalho de um autor a ele ou ela pertence, sendo depois possível fazer várias associações e integrações, e esperamos que aquelas permitidas pela obra de Posy Simmonds, Anton Kannemeyer e Marcelo D'Saleta criem um escopo alargado. Posy Simmonds (n. 1945, Reino Unido) é uma autora que tem trabalhado desde o final dos anos 1970 em várias tiras de Banda Desenhada publicadas

em jornais. Dessa forma, ela inscreve-se numa longa tradição, da Banda Desenhada e da Literatura, associada aos processos de serialização do século XIX e a uma dimensão de sátira social e política. Simmonds tem uma mão-cheia de livros infantis no seu currículo, mas a atenção crítica para com a sua obra centra-se sobretudo nas vinhetas e novelas que cria em torno de uma certa classe social, endinheirada e letrada do Reino Unido contemporâneo. No seio de *The Guardian*, ela criou duas narrativas de fôlego, em torno de mulheres cosmopolitas, educadas, melancólicas, sensuais mas mal-amadas, e as quais tentam reencontrar-se, como se costuma dizer, ao mudarem-se para o campo, mas onde encontram outros obstáculos: *Gemma Boverly* (2005), uma reapropriação livre da mais famosa personagem de Flaubert, e *Tamara Drewe* (2008), baseado num dos romances de Thomas Hardy, (e que seria adaptado ao cinema).

Trabalhos mais curtos seriam coligidos em *Literary Life* (2003). Anton Kannemeyer (n. 1967, África do Sul) é um ilustrador e artista plástico que, em conjunto com Conrad Botes, lançou no início dos anos 1990, no seu país, mas que teve circulação global, uma revista de banda desenhada intitulada *Bitterkomix* (assinando como "Joe Dog"). Na boa tradição dos *underground comix* norte-americanos dos anos 1960, escancaram-se as portas de uma representação crua e brutal, estereotipada, de todo um rol de ideias usualmente escondidas pelo verniz social. Esses trabalhos permitiram a Kannemeyer interrogar de forma direta, incisiva e virulenta o racismo do *apartheid* e da sociedade sul-africana (e do imperialismo euro-ocidental sobre a África negra), o que lhe angariou sempre controvérsias e ódios de vários quadrantes. Quer com séries de cartoons abertamente políticos (como *Alphabet of Democracy*, 2012) quer com revisitações à sua obsessão formal, política e fantasmática em torno de *Tintin no Congo* de Hergé (expressa em *Papá em África*, 2014, publicado em Portugal pela Chili Com Carne), o autor cria um sistema de representação subversivo, ora do tecido político-social que espelha ora das próprias estratégias representativas acessíveis à Banda Desenhada. Marcelo D'Saleta (n. 1979, Brasil) pertence àquela geração cuja primeira escola foram os fanzines e a *small press*, não apenas no seu país mas internacionalmente. Cultor de relatos curtos, em torno de personagens perdidas na malha urbana e as mais das vezes longe dos palcos da auto-expressão, o autor lançaria dois livros que reuniam algumas dessas histórias e que o colocariam no mapa

da atenção mediática: *Noite Luz* (2008) e *Encruzilhada* (2011). Versando sobre um conjunto de jovens negros de ambos os sexos nas ruas menos centrais da cidade de São Paulo, essas vidas desconexas acabam por ter um ponto de fuga comum, que faz surgir uma espécie de retrato social contemporâneo de um Brasil urbano que nada tem a ver com a sua imagem "Globalizada". Nesse sentido, D'Saleta cumpre na perfeição o principal papel dessa cultura, a saber, a criação de espaços alternativos, onde o próprio indivíduo cria os instrumentos necessários à sua identidade. O seu último livro, *Cumbe* (2014, com edição portuguesa prometida), sobre os quilombos, dá continuidade à sua estratégia, mas unindo-a a uma visão histórica, recuperando experiências esquecidas da cultura negra brasileira. Se os territórios temáticos são bem distintos, também a abordagem estilística dos três autores é bem diversa. Simmonds está mais próxima da suave e delicada tradição da ilustração inglesa, com linhas sinuosas a lápis depois coloridas a guaches, em cores esbatidas, mas procurando vários momentos nas suas narrativas de disrupção material e estrutural. Kannemeyer parece ter assaltado a "linha clara" de Hergé, com os seus contornos pretos, grossos e fechados, áreas de cores lisas, e de quando em vez um trabalho de tramas sólido e bruto, próximo da xilogravura, mas onde a fragmentação de trabalhos curtos, inclusive imagens singulares, vão carregando um mesmo caminho. D'Saleta usa processos mais livres, onde a grafite e a tinta surgem em manchas 'sujas' e densas, enclausuradas em enquadramentos apertados e enviesados, no qual o 'fora de campo'

nas relações entre texto e imagem apenas corrobora uma espécie de 'falhanço' em se integrar em discursos hegemónicos ou categorizáveis. Sob esta ótica sobressaem as diferenças entre os autores mas que, consequentemente, revelam a natureza múltipla e mutante da Banda Desenhada. Independentemente da sua relação histórica com uma (para-) literatura marcada por características 'menores' tais como a serialização, a 'estereotipificação' dos seus esquemas de representação e estruturação, ou a segmentação dos seus públicos e géneros, a sua produção contemporânea atomizou de modo dramático essa consideração histórica (e algo incompleta, de resto) ao contrário de uma percepção social ainda comum, informada por anos de produção de entretenimento infanto-juvenil, e uma certa nostalgia dos seus defensores mais 'fanáticos' (i.e., não-críticos), a Banda Desenhada como um todo não é, nem poderia ser, uma mole homogénea. A um só tempo, porém, é possível interrogá-los e, independentemente das nações, línguas, sexos, idades, formatos, géneros e estilos, encontrar algumas características comuns, provocadoras, interpelantes e até passíveis de serem vistas como 'micro-resistências' a discursos hegemónicos veiculados noutras línguas. De uma forma ou outra, sob a capa da ficção ou da paródia, de relatos melancólicos ou um humor desabrido, de uma maneira ambivalente ou patente, estes são alguns dos autores que abrem espaços para novas vozes se expressarem neste meio. Aliando-se a uma produção contemporânea que prospera no autobiográfico, na reportagem, no caderno de viagem, no ensaístico, e até mesmo no experimentalismo formal, compreende-se em parte o crescimento exponencial desta área de criação nos últimos vinte a trinta anos (e que tem sido acompanhada igualmente por um desenvolvimento consolidado de abordagens académicas). Diz Ernst von Alphen em *Art in Mind* que "a arte, na sua especificidade histórica, engendra questões gerais, transhistóricas e filosóficas". O que, de uma maneira talvez um tanto ou quanto dramática, é o mesmo que dizer que a arte 'pensa'. No interior de seja qual for o complexo social, histórico, institucional, em que se integrará, mais localizado ou mais globalizado, a Banda Desenhada tem os seus próprios processos de pensamento e diálogo. Ela tem uma 'autonomia' própria, sendo esta não uma espécie de independência ensimesmada, mas uma agência intrínseca e idiossincrática. Simonds, Kannemeyer e D'Saleta, cada qual a seu modo, contribuem para o pensamento próprio deste domínio, juntando-se a toda uma

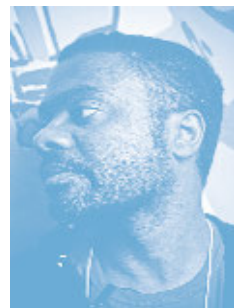
constelação de autores que o fizeram ao longo de décadas, criando uma história paralela à usual, sempre expandindo o campo da Banda Desenhada para além do seu espaço social mais imediato. Dessa forma preparam igualmente uma revolução para o futuro da sua perceção. Isto é, ao passarmos a compreender um campo mais expandido da Banda Desenhada, pautada pelos seus exemplos mais felizes em termos de peso cultural e capacidade de reflexão, também estamos a permitir que se procurem novas formas de criação, possibilidades mais abertas de experimentar caminhos alternativos. E nada disto tem a ver com potencialidades da Banda Desenhada ou 'ir além' dos seus supostos limites. Bem pelo contrário, é olhar para o que já existe, e cartografar as coisas de uma forma mais lata, é compreender que não se tratam de experiências isoladas, mas de uma verdadeira expansão das fronteiras. Jan Baetens, no artigo "Bande dessinée et roman graphique", argumenta que aquilo "que conta numa 'boa' banda desenhada não é a qualidade plástica do desenho mas a sua capacidade de entrar em diálogo com a cultura de uma época". Estes três autores convidam-nos a navegar por entre a produção existente, sua e de outros, em busca dos diálogos mais intensos.

Crítico de Banda Desenhada com um trabalho de cariz ensaístico e académico é, presentemente, doutorando em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Universidade Católica de Leuven. Foi professor em várias instituições desta área artística, assim como em ilustração e animação. Foi comissário das exposições *Tinta nos Nervos*, em torno da banda desenhada contemporânea portuguesa, no Museu Coleção Berardo (2011) e *Divide et Impera*, sobre banda desenhada experimental contemporânea (Amadora e Virgínia, EUA, 2007/2009), entre outros projetos. Foi coautor da série documental televisiva *Verbd* (RTP2, 2007) e é coordenador das Conferências de Banda Desenhada em Portugal.



© Claudette Schreuders

ANTON KANNEMEYER (JOE DOG) (África do Sul)
Celebrizou-se como cofundador da revista de banda desenhada *Bitterkomix*. Nascido na Cidade do Cabo, concluiu um mestrado em belas-artes pela Stellenbosch University e lecionou antes de se dedicar a tempo inteiro ao seu trabalho, que inclui banda desenhada e artes visuais. Diversas publicações e catálogos, também em parceria com Conrad Botes, e expôs em diversas partes do mundo, integrando coleções permanentes tais como as dos Museus de Arte Moderna de Nova Iorque e São Francisco. Em 2014, uma seleção das suas obras e bandas desenhadas foram traduzidas para português, alemão e finlandês.



© Rafael Roncato

MARCELO D'SALETE (Brasil)
É autor de histórias em quadrinhos, ilustrador e professor. Estudou design gráfico, é graduado em artes plásticas e mestre em história da arte. Ilustrou vários livros infantis. Expôs no 7º Festival Internacional de Banda Desenhada e Animação – Luanda Cartoon (2010) e na Amadora BD, exposição *Seis Esquinas de Inquietação* (2013). Publicou o álbum *Noite Luz* (2008) no Brasil e na Argentina. Lançou o álbum de quadrinhos *Encruzilhada* (editora Leya, 2011). *Cumbe* (2014) é o seu terceiro livro sobre o período colonial e a resistência à escravidão no Brasil.



© Victor Schlierli

POSY SIMMONDS (Reino Unido)
De nacionalidade inglesa, estudou francês em Paris antes de frequentar a Central School of Art & Design em Londres. Ficou conhecida pelos *cartoons* e pelas séries de banda desenhada publicadas no *The Guardian* e pelas novelas gráficas "Gemma Boverly" (1999) e "Tamara Drewe" (2006), esta última distinguida em 2008 com o Essentiel d'Angoulême, o Prix des Critiques e uma nomeação para o Eisner Award. Estas novelas foram adaptadas ao cinema ("Tamara Drewe" - real. Stephan Frears, 2010; "Gemma Boverly" - real. Anne Fontaine, 2014). É autora de livros para crianças, como "Baker Cat e Fred", cuja versão cinematográfica foi nomeada para um Óscar em 1996. Teve exposições organizadas pelo Arts Council e o British Council. Em 2012, o Belgium Comic Strip Center apresentou uma retrospectiva do seu trabalho em Bruxelas.



DIOGO BENTO
da série "2000 réis", 2015



DIOGO BENTO
da série "2000 réis", 2015



DIOGO BENTO
da série "2000 réis", 2015



DIOGO BENTO
da série "2000 réis", 2015

OBSERVATÓRIO DE ÁFRICA, AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS OUTRAS LITERATURAS: POLICIAL

16 MAIO SÁBADO, 10:00 - 13:00 / AUDITÓRIO 3 - ENTRADA LIVRE



GONÇALO VILAS-BOAS (Portugal)
Moderador

O CRIME NA LITERATURA

A Literatura Policial é, sem dúvida, um dos géneros literários mais vendidos, pelo menos no mundo ocidental. A designação do género literário em português não é muito correta, uma vez que a deteção nem sempre é feita por agentes policiais, mas por detetives privados, profissionais ou amadores. No mundo anglo-saxónico usam-se os termos “*crime fiction*” e “*detective fiction*”, que Lurdes Sampaio traduz por “romances de detetive” e “romances de criminoso”, traduções que apesar de não serem muito utilizadas, são mais abrangentes, tendo a vantagem de englobar mais situações. Ao falarmos do género “Policial” estamos a incluir os vários subgéneros, como o Policial histórico, o Policial jurídico, o de espionagem política ou industrial, o romance “anti-detetive” (Stefano Tani), entre muitos outros. De uma literatura considerada menor, a Literatura Policial passou a uma literatura bem estabelecida no mundo literário e muitos escritores de ficção aventuraram-se também por este género. As suas origens situam-se em

França, pelas mãos do americano Edgar Allan Poe ou do francês Emile Gaboriau, ainda que haja indícios deste género em textos anteriores, como, por exemplo, em *Mil e uma Noites*. Em França, em meados do século XIX, o interesse pelos relatos judiciais era grande. Daí para a ficcionalização não foram precisos grandes passos. A evolução é conhecida, pelo que só referirei alguns nomes: Conan Doyle e o seu Sherlock, Agatha Christie com Poirot e Miss Marple, Graham Greene. Foi a época do ‘*whodunnit*’, da tradição ‘*gentle*’, uma tradição com os detetives essencialmente dedutivos, cerebrais, uma época áurea na Grã-Bretanha. Dando um salto para os EUA, encontramos alguns clássicos do Policial, os romances ‘*hardboiled*’, com os detetives em ambientes essencialmente urbanos, com grande velocidade e violência, e sujeitos a situações de perigo. Raymond Chandler e Dashiell Hammet são dois dos muitos autores norte-americanos. É a época do ‘*private eye*’, o detetive de rua. Em Portugal, estas publicações

foram muito divulgadas pela Coleção Vampiro. Voltando de novo a França vamos encontrar o belga Georges Simenon com o Comissário Maigret, da polícia parisiense, a partir de 1930. O detetive deixa de ser um homem extraordinário, mas um vulgar cidadão, ainda que com grandes capacidades de deteção. Os comissários têm, como toda a gente, problemas pessoais com a família, com a bebida, o sexo, etc. A abertura aos problemas sociais torna-se central e, sobretudo, passa a existir um enfoque especial na psicologia dos criminosos. Do ‘*whodunnit*’ passa-se para o ‘*whydunnit*’, centrado na procura do motivo e com uma maior carga indutiva. Os podres da sociedade vêm ao de cima: assistimos quer a pequenos crimes causados por ciúmes, más relações, problemas de heranças, tudo em ambientes relativamente pequenos, mas bem caracterizados nos contextos das figuras, quer a grandes crimes. Essencial para esta tradição da Literatura Policial é haver um cadáver, para se começar a deteção; esta representa sempre uma reconstituição, num processo em que o presente e o passado se cruzam constantemente. O suíço Friedrich Glauser, um dos percursores do Policial em língua alemã, dizia que cada um de nós é, potencialmente, um criminoso, basta a sorte (ou a falta dela!) ou o acaso, para mudar a nossa vida. Os criminosos, mas também os polícias e detetives, tornam-se gente como a maioria dos leitores! Porquê este entusiasmo do público leitor por este género literário? Referirei apenas alguns aspetos, que podem servir para uma discussão, sem uma ordem de prioridades. Em primeiro lugar, porque é uma literatura de fácil acesso e de entretenimento. Dado tratar-se de uma literatura

esquematisada (crime-deteção-resolução/castigo), o leitor sabe com que contar. Por outro lado, o homem sempre teve um certo fascínio pelo crime, pois este é, aparentemente, uma das características do ser humano! O leitor pode seguir comodamente o desenrolar dos acontecimentos. Pode dizer-se que esta é a sua função principal, ainda que esta possa variar nas diferentes obras. Em segundo lugar, porque esta literatura permite uma identificação com o detetive e o seu ponto de vista dominante. Por vezes, o leitor identifica-se com o criminoso, sobretudo em romances em que o leitor tem a possibilidade de seguir a preparação do crime e a sua concretização. Muitas vezes, o criminoso é também vítima e um ou outro detetive deixam o assassino fugir, por perceberem que as culpas se situam noutra parte, noutros familiares, noutras instituições. Esta identificação pode ter a função compensatória do herói, um dos arquétipos que Gustav Jung identifica no inconsciente coletivo e que se manifesta nos mitos de heróis. A projeção num herói, o detetive ou o criminoso, compensa o indivíduo pela sua ausência de heroicidade. Em terceiro lugar, podemos referir que o leitor se revê nos contextos em que a ação se desenrola: a vida numa cidade ou no campo, no domínio privado ou no domínio público. O desejo do leitor de que a justiça seja reposta concretiza-se na maioria dos casos. A realidade é outra, como Friedrich Dürrenmatt faz dizer um polícia a um escritor de romances policiais, em *A Promessa*: os escritores resolvem muitos casos, inventam pistas, encenam situações que na realidade não são assim, pois a força do acaso é determinante. Há detetives

que se sentem frustrados, pois, no fundo, nada muda: resolvem um caso e fica tudo na mesma. De facto, a Literatura Policial é, essencialmente, conservadora; representa, em geral, uma defesa do sistema, ainda que não deixando de o criticar no modo pouco ético como muitas vezes aparece. Assim, na Literatura Policial, resolvem-se casos individuais, não o sistema. Por isso, detetives, como Martin Berg, do casal sueco Maj Sjöwall/Per Wahlöö, uma vez ou outra manifestam o seu desalento, não deixando de fazer sentir que apesar de tanto esforço nada mudou no sistema. De qualquer modo, a crítica social torna-se num fator determinante, sendo essa a função dominante. O aparato de crime e deteção é o palco para a análise e crítica sociais. Exemplo disso é o policial nórdico, sobretudo o sueco e o norueguês, que estão na moda entre nós e não só. Vai-se acrescentando uma nova tipologia de crimes, a que a nossa sociedade vai dando maior importância, apresentando temas relacionados com a pedofilia, a emigração, a informática, a ciência, o terrorismo, a alta finança, entre muitos outros. O género vai por isso evoluindo, apesar do esquematismo: libertando-se dos modelos anteriores, vai introduzindo novos fatores e novas situações vão surgindo. E, sobretudo, vão-se modificando as estratégias de deteção e de ponto de vista: se este continua a ser predominantemente do agente da deteção, a alternância torna-se cada vez mais importante, variando entre os pontos de vista dos detetives, das testemunhas, dos criminosos e do narrador que paira sobre toda a ação com o seu mais saber, os seus comentários que contrastam com os de outras figuras. O policial torna-se ‘pluriperspectivo’. O que caracteriza hoje uma parte da produção neste género é a concentração da ação numa região, numa vila, num bairro urbano, aparecendo frequentemente o espaço indicado no título. A contextualização torna-se assim muito importante, continuando uma tradição em que situa a ação ficcional se situa em palcos reais. Muito importante também é a produção de romances policiais escritos por mulheres, introduzindo detetives femininas, com olhares diferentes dos seus colegas masculinos. No entanto, constata-se que o grau de violência e de perversidade presente nos textos não é menor. De qualquer modo, o mundo já não é a preto e branco, tornou-se mais complexo. E a literatura policial sempre se adaptou ao mundo de onde é originária, o que leva os escritores e as escritoras a construir os seus mundos ficcionais unindo as tradições literárias com as novas realidades.

Uma das suas funções principais é trazer ao de cima os podres duma sociedade. Por isso mesmo, ela permite olhar para o presente, mas também para futuro próximo, que será construído a partir do presente: a Literatura Policial pode contribuir para a formação de leitores mais atentos. Até há uns anos, o interesse manteve-se essencialmente na Literatura Policial produzida na Europa e na América do Norte. Agora o interesse vira-se também para outras regiões, como o continente africano subsaariano ou a América do Sul. Os contextos sociais e literários são diferentes, o que leva a variações de vários tipos, que teremos ocasião de contactar neste encontro. Será importante verificar se há linhas de continuidade ou de rutura com as tradições do género na Europa e na América do Norte, ou onde se vão procurar outros modelos narrativos. E também como encaram a relação entre a realidade textual e a extratextual e até que ponto veem a produção deste género literário na América do Sul (ou, concretamente, na Argentina e no Brasil, com Claudia Piñeiro e Raphael Montes) e em África (especialmente no Benim, com Florent Couao-Zotti) relacionados com a produção noutras regiões próximas. Será também importante refletir sobre se o género ‘Literatura Policial’ nestes países é novo ou se já tem tradições, se se caracteriza por se integrar numa produção nacional ou mais global. Sendo um género multinacional será interessante discutirmos em conjunto o papel desta literatura no ‘próximo futuro’, o tema geral desta série de eventos, no sentido em que a literatura contribui para a reflexão “sobre o que é hoje a contemporaneidade e como ela se expressa e atua na representação da produção artística e cultural”, como se lê no texto de apresentação do programa Próximo Futuro, de António Pinto Ribeiro.

Professor catedrático jubilado, na área de literatura de expressão alemã, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi Coordenador Científico do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (1999-2015) e Diretor do Mestrado em Estudos de Teatro. Trabalha sobre o romance policial e escreveu vários artigos sobre autores de língua alemã. É membro de dois grupos de investigação: um sobre a representação literária na literatura alemã contemporânea, na Suécia, e outro, a nível europeu, sobre literatura suíça. Publicou três livros com textos de, e sobre, Annemarie Schwarzenbach e Literatura Alemã III da Universidade Aberta. Organizou também uma antologia do conto suíço (*Histórias de Encontros e Desencontros, Porto, Afrontamento, 1991*) e outra do conto nórdico (*A Luz que Vem do Norte, Porto, Afrontamento, 2004*).



© Alejandra López

CLAUDIA PIÑEIRO (Argentina)
Licenciada pela Escuela de Arte Dramático de Buenos Aires, onde estudou dramaturgia. É escritora, guionista, dramaturga e trabalhou em fotojornalismo. Premiada diversas vezes pelos seus romances, alguns adaptados ao cinema, assim como por alguns livros dedicados às crianças. Fez parte do júri de prémios literários Alfaguara de Espanha, Fondo Nacional de las Artes, Letras Sur e Clarín.



© Stefano Martino

RAPHAEL MONTES (Brasil)
Advogado e escritor, teve contos publicados em diversas antologias de mistério, inclusive na Playboy e na prestigiada revista americana Ellery Queen's Mystery Magazine. Aos 20 anos, impressionou a crítica e o público com *Suicidas* (ed. Benvirá), finalista do Prémio Benvirá de Literatura (2010), do Prémio Machado de Assis (Biblioteca Nacional, 2012) e do prestigiado Prémio São Paulo de Literatura (2013). *Dias Perfeitos* (ed. Companhia das Letras), publicado em 2014, teve os direitos de tradução vendidos para dez países. Atualmente, assina uma coluna mensal no Blog da Companhia das Letras e ministra palestras sobre processo criativo em cursos e eventos literários. Além disso, escreve argumentos para cinema e séries de TV.



© Éditions Jigal

FLORENT COUAO-ZOTTI (Benim)
Estudou Letras na l'Université Nationale du Bénin e tem formação de empreendedorismo cultural, em Kinshasa. Exerceu jornalismo como cronista cultural e depois como chefe de redação de um jornal satírico. Professor, jornalista, argumentista de bandas desenhadas, é autor de romances, novelas e peças de teatro. Obteve a Bolsa Beaumarciais, em 2001, e participou numa residência de escrita em Limoges. Os seus textos foram levados à cena e passados na rádio. Várias novelas foram publicadas em obras coletivas.

OBSERVATÓRIO DE ÁFRICA, AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS OUTRAS LITERATURAS: FICÇÃO CIENTÍFICA

16 MAIO SÁBADO, 15:00 - 18:00 / AUDITÓRIO 3 - ENTRADA LIVRE



FÁTIMA VIEIRA (Portugal)
Moderadora

RAPARIGAS CINTILANTES E GENTE *ANIMALADA*.
VAMPIROS FRUTO DE ENGENHARIA GENÉTICA.
UM CONTRA-ATAQUE AOS MARCIANOS, COM
JULIO VERNE E H. G. WELLS A DESVENDAR MISTÉRIOS.

Mas que 'outra literatura' é esta que associa ao progresso tecnológico o *thriller* policial, o fantástico e o terror? É a Ficção Científica (FC), reinventada por Lauren Beukes, Fábio Fernandes e João Barreiros, debatida no contexto do Programa Próximo Futuro, numa sessão em que nos propomos refletir sobre a cultura contemporânea a partir de mundos imaginados em três continentes. Desde o início que a FC faz parte da cultura popular. Referimo-nos aos seus primórdios nos Estados Unidos, com Hugo Gernsback a publicar, a partir de 1926, a revista *Amazing Stories* num papel de baixa qualidade (feito à base de "polpa", o que levou a que os livros nele impressos ficassem conhecidos como *pulp fiction*). Vendida a preços muito acessíveis, a revista desde logo granjeou um público fiel. A publicação de cartas dos leitores na revista serviu ainda de plataforma para a formação dos

primeiros clubes de fãs organizados – um aspeto fulcral para o desenvolvimento do género literário, ao longo de todo o século XX, sobretudo para a afirmação de algumas das suas particularizações como o *cyberpunk* (com o lema "alta tecnologia e baixo nível de vida"), a *space opera* (histórias de aventura passadas no espaço, de que *A Guerra das Estrelas* é o melhor exemplo) ou a *western opera* (que resulta da transposição dos temas dos Westerns para o espaço). Mesmo sem recorrer a grandes discursos teóricos, a revista em breve se tornou a referência principal para a definição do novo género literário: não só se afirmou como um lugar privilegiado para o lançamento de novos autores, como também serviu de espaço para a reedição de escritores consagrados como Poe, Verne e Wells, que assim viram a sua obra inscrita no género literário a que Gernsback chamou "*scientifiction*" ou "*science fiction*".

Para o reforço desta inscrição da FC na cultura popular em muito contribuiu o facto de muitas das fantasias que começaram na literatura se terem transformado em "obras em trânsito" ao serem adotadas por diferentes media. Foi esse sem dúvida o caso das obras de H. G. Wells (*A Guerra dos Mundos*, por exemplo, conheceu inúmeras adaptações para rádio, cinema e teatro, B.D. e videojogos), e se nos anos 1950 e 1960 a popularização da Ficção Científica se fez em grande parte através da Banda Desenhada, a partir dos anos 1970 o cinema tornou-se o seu maior veículo de promoção, quer através da apresentação de adaptações, quer de obras originais. A confusão instala-se, contudo, quando o discurso académico tenta definir o que é a FC: a diversidade de perspetivas é tanta – como espelha a revista *Science Fiction Studies*, publicada desde 1973 –, que não se conseguiu chegar ainda a uma definição consensual. Os mais puristas, defensores da *Hard Sci-Fi*, advogam que toda a narrativa de FC deverá ter como base o desenvolvimento tecnológico e científico apresentado de forma *realista* e possibilista. Há ainda quem defina a FC em função da presença de um conjunto de elementos ficcionais recorrentes no género, desde a forma como se viaja (viagens espaciais, a mundos subterâneos, viagens no futuro, exploração de tempos alternativos, viagens através de buracos negros) à existência de artefactos como naves espaciais e máquinas de teletransporte, passando pela inclusão de personagens que se apresentem como evoluções possíveis da humanidade (mutantes), como

o resultado do desenvolvimento tecnológico (androides) ou ainda do contacto com espécies de outros planetas (alienígenas). Temos por fim aqueles que insistem no papel construtivo do futuro que a FC poderá ter, já que permite a exploração, através de uma estratégia extrapolativa, de 'devires' que se apresentem como possíveis desenvolvimentos do presente, e em que devemos investir ou aprender a evitar. Mas quaisquer que sejam as abordagens propostas, é unânime o reconhecimento de que a História da FC enquanto género literário, ao longo do século XX, passa inevitavelmente pela obra de autores como Isaac Asimov e Arthur C. Clarke, Ray Bradbury e Stanislaw Lem, William S. Burroughs, William Gibson e Philip K. Dick. Os três convidados do Próximo Futuro fizeram a sua formação como escritores de FC lendo os grandes autores. A sua obra é contudo testemunho da grande vitalidade da FC e resulta, em grande parte, da hibridez que é uma das mais controversas características do género literário. Nas obras da escritora sul-africana Lauren Beukes o desenvolvimento do *thriller* policial (*As Raparigas Cintilantes*, 2013) depende de avanços tecnológicos (o assassino em série utiliza uma casa com um portal do tempo para viajar entre os anos de 1931 e 1972); e o processo de 'animalização' dos indivíduos que cometem crimes (*Zoo City*, 2010) apenas poderá ser aceite à luz das convenções do mais puro fantástico. *Interface com o Vampiro* (2000), do escritor brasileiro Fábio Fernandes, coloca o leitor face ao inusitado, temperando com muito humor relatos de vampiros que são fruto de engenharia genética, e ainda de saltos involuntários no tempo-espaço

e raptos violentos; já *Os Dias da Peste* (2009) convidam o leitor a mergulhar num cenário *cyberpunk*, um mundo fascinado pela alta tecnologia, onde esta desconcertantemente deixa de funcionar. Com o escritor português João Barreiros, particularmente em *A Verdadeira Invasão dos Marcianos* (2004), entramos no domínio da meta-ficção científica, já que o autor nos propõe a revisitação das convenções do *cyberpunk* e do *steampunk* através do relato de uma viagem a Marte protagonizada por H. G. Wells e Jules Vernes; e o humor negro, que é marca característica da escrita de Barreiros, está bem presente nos contos de *Se Acordar antes de Morrer* (2010), onde os excessos de um mundo tecnológico são violentamente denunciados. Mas mais do que falarmos da hibridez da Ficção Científica enquanto género literário, interessar-nos-á, na conversa com os três autores, explorar a linha genética que é evidente entre a narrativa que constroem e o espaço geográfico que ocupam, o que nos levará, por um lado, a situar *Zoo City* numa versão alternativa e futurista de Joanesburgo e *Os Dias da Peste* num sombrio Rio de Janeiro e, por outro lado, a reconhecer que a ficção satírica de Barreiros se desenvolve sobre um pano-de-fundo europeu, e mais particularmente português. A discussão da natureza e da *geografia* da FC contemporânea, que passará também pela exibição de curtas-metragens de FC produzidas em África, na América do Sul e na Europa, procurará desvendar não só as potencialidades que o género literário tem hoje para oferecer enquanto arma de crítica social, mas também como instrumento de construção do devir – um futuro que o leitor de FC muitas vezes pressente como estando 'assustadoramente próximo.'

Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde leciona desde 1986. É Presidente da Utopian Studies Society/Europe, desde 2006, e Book Review Editor do Utopian Studies (EUA). É diretora da coleção "Nova Biblioteca das Utopias" (Editora Afrontamento) e dos periódicos E-topia e Spaces of Utopia (Biblioteca Digital da FLUP). É coordenadora do polo da Universidade do Porto do Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies. Promove atualmente projeto PAN-Utopia 2100, que convida os estudantes a imaginarem o sistema de produção, distribuição e consumo alimentar em 2100. Em 2013, a associação americana e canadiana Society for Utopian Studies atribuiu-lhe o "Larry E. Hough Distinguished Service Award", premiando o trabalho que tem vindo a realizar na área dos Estudos sobre a Utopia.



© Pisco del Gaiso

FÁBIO FERNANDES (Brasil)
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor dos cursos de graduação em Jogos Digitais e Tecnologia e Mídias Digitais dessa universidade. É autor de diversos livros e ganhou duas vezes o Prémio Argos de FC (Brasil). Participou do Clarion West Writers Workshop de Seattle em 2013. Em língua inglesa, publicou diversos contos em revistas. Co-editou a antologia de FC pós-colonialista We See a Different Frontier (The Future Fire Publishing, 2013).



© Ulrich Knoblauch

LAUREN BEUKES (África do Sul)
Os seus livros ganharam relevantes prémios internacionais nas áreas de literatura, terror, ficção científica e mistério, estando traduzidos em 26 línguas e selecionados para adaptações cinematográficas. Também é autora de textos para banda desenhada, peças de teatro, ensaios e peças jornalísticas. Vive na Cidade do Cabo, na África do Sul.



JOÃO MANUEL ROSADO BARREIROS (Portugal)
Também conhecido pelo pseudónimo José de Barros, é escritor, editor, tradutor e crítico português de ficção científica. Licenciou-se em Filosofia na Universidade de Lisboa (1977) e é professor do ensino secundário nessa área, desde 1975. A sua experiência na educação levaram-no a escrever uma sátira semiautobiográfica intitulada "O Teste", em 2000. Alguns dos seus trabalhos foram traduzidos para inglês, espanhol, francês, italiano e sérvio. Ganhou por duas vezes o prémio brasileiro Nova. Publicou críticas a filmes e livros nos jornais Público e O Independente e nas revistas Ler e Os Meus Livros. Foi cofundador da Simetria – Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico (1995 – 1999) e da Associação Portuguesa do Fantástico nas Artes (2005). Tem 11 livros publicados.

GRANDES LIÇÕES

30 MAIO SÁBADO, 15:00 / AUDITÓRIO 3 - ENTRADA LIVRE



© Rolando Vazquez

WALTER D. MIGNOLO (Argentina)

AS MUTAÇÕES DA COLONIALIDADE E A ATUAL (DES)ORDEM MUNDIAL

É professor de Literatura e Estudos Românicos (Espanhol) na Universidade de Duke, professor de Antropologia Cultural e diretor do Center for Global Studies and the Humanities, entre outros cargos de relevo. O seu mais recente livro, uma coletânea coordenada por Francisco Carballo e Luis Alfonso Herrera Robles, “Habitar las fronteras, sentir y pensar la descolonialidad” foi recentemente editado pelo CIDOB em Barcelona. Muitas das suas publicações foram traduzidas para espanhol, português, italiano, alemão, coreano, chinês, romeno, sueco, francês e indonésio.

Proponho-me traçar brevemente a história da colonialidade do poder desde o século XVI, a sua configuração histórica, transformação e administração. Defendo que, desde cerca do ano 2000 (e poder-se-ia recuar algumas décadas), algo começou a mudar de forma drástica. Chamemos-lhe ‘a grande mutação’ para distinguir do conceito cunhado por Karl Polanuy, ‘a grande transformação’. A grande mutação começou a acontecer quando a Civilização Ocidental, construída sobre dois pilares, modernidade/colonialidade, deixa de controlar o monstro que criara no processo de se constituir a si mesma como Civilização Ocidental: a matriz colonial do poder (ou colonialidade do poder, para abreviar). Vários acontecimentos

da atualidade, desde a crise financeira da União Europeia, a perda da hegemonia alcançada na pós-Primeira Guerra Mundial por parte dos Estados Unidos, a crise no Médio Oriente e a guerra civil na Ucrânia, a força crescente dos cartéis na América do Sul, etc., podem ser entendidos do ponto de vista da história da colonialidade do poder. O próximo passo é refletir sobre as consequências desta grande mutação e especular sobre que futuros cenários estão a ser fechados, por um lado, e abertos, por outro.

Nº 18
MAIO
2015

Próximo Futuro é um Programa Gulbenkian de Cultura Contemporânea dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e à criação na Europa, em África, na América Latina e nas Caraíbas.

PROGRAMA
GULBENKIAN PRÓXIMO FUTURO

Programador geral
António Pinto Ribeiro

Assistente de programação
Lúcia Marques

Produção
Vitor Alves Brotas
Maria Matoso
João Saavedra

Colaboração
Serviços Centrais
(diretor: António Repolho Correia)
Serviço de Comunicação
(diretora: Elisabete Caramelo)
Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento
(diretora: Maria Hermínia Cabral)

Apoio à comunicação
Mónica Braz Teixeira
Sara Pais

Design gráfico
Arne Kaiser

Jornal BD
Francisco Sousa Lobo

Website
BOQ (Guilherme Cartaxo / Miguel Duarte)

Colaboradores (Website/Blog/FB)
Clara Caldeira
Lúcia Marques

Tradução e Revisão
Clara Caldeira
Teresa Meira

proximofuturo@gulbenkian.pt
tel. (+351) 217 823 529 / 3561
www.proximofuturo.gulbenkian.pt

Programa sujeito a alterações

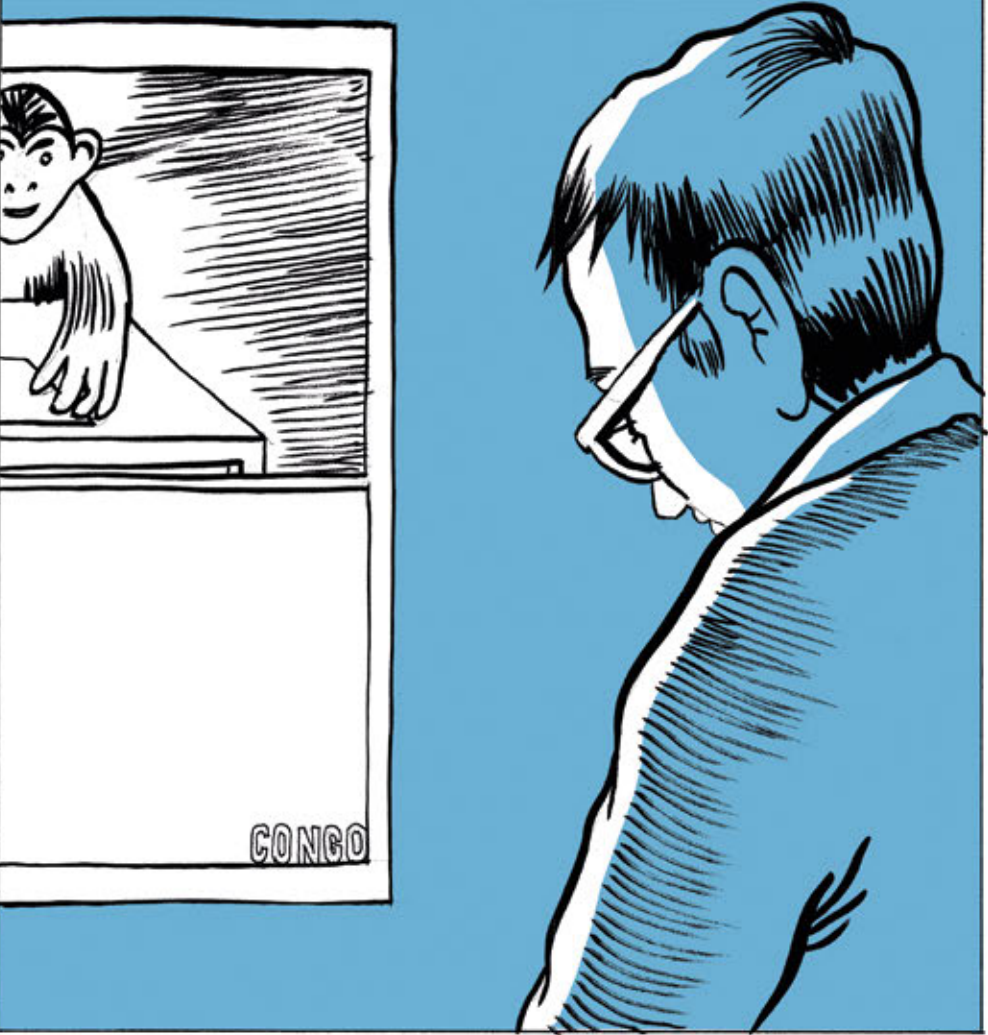
FRANCISCO SOUSA LOBO

É autor de banda desenhada, artista plástico e arquiteto. No campo da banda desenhada, publicou quatro livros a título individual e várias histórias para antologias, revistas e jornais (incluindo a Art Review). No campo das artes plásticas, expõe desde 2005 na Europa (New Contemporaries 2007, New Art Gallery Walsall, Centro de Artes de Sines). O seu trabalho encontra-se presente em várias coleções públicas e privadas.

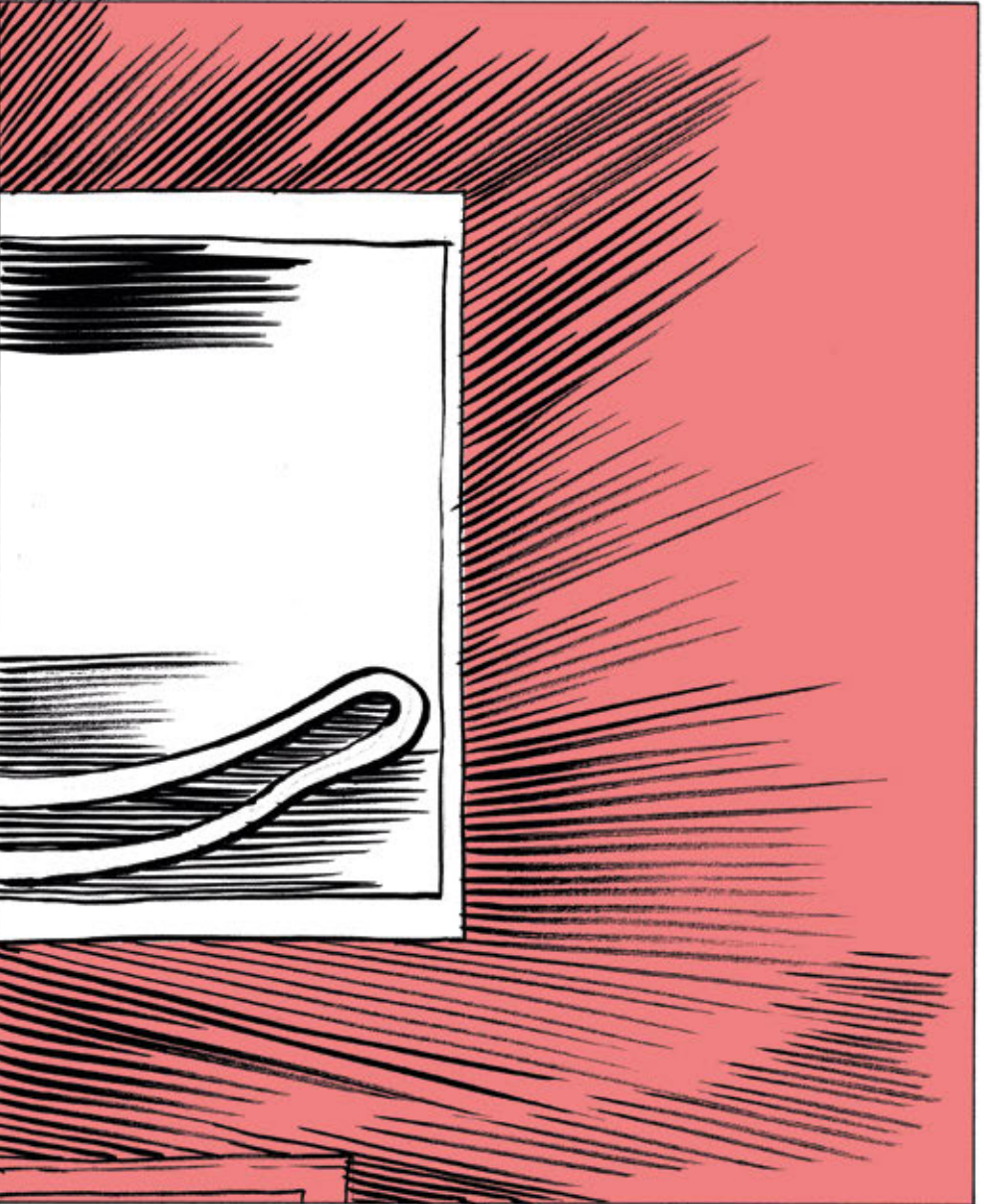
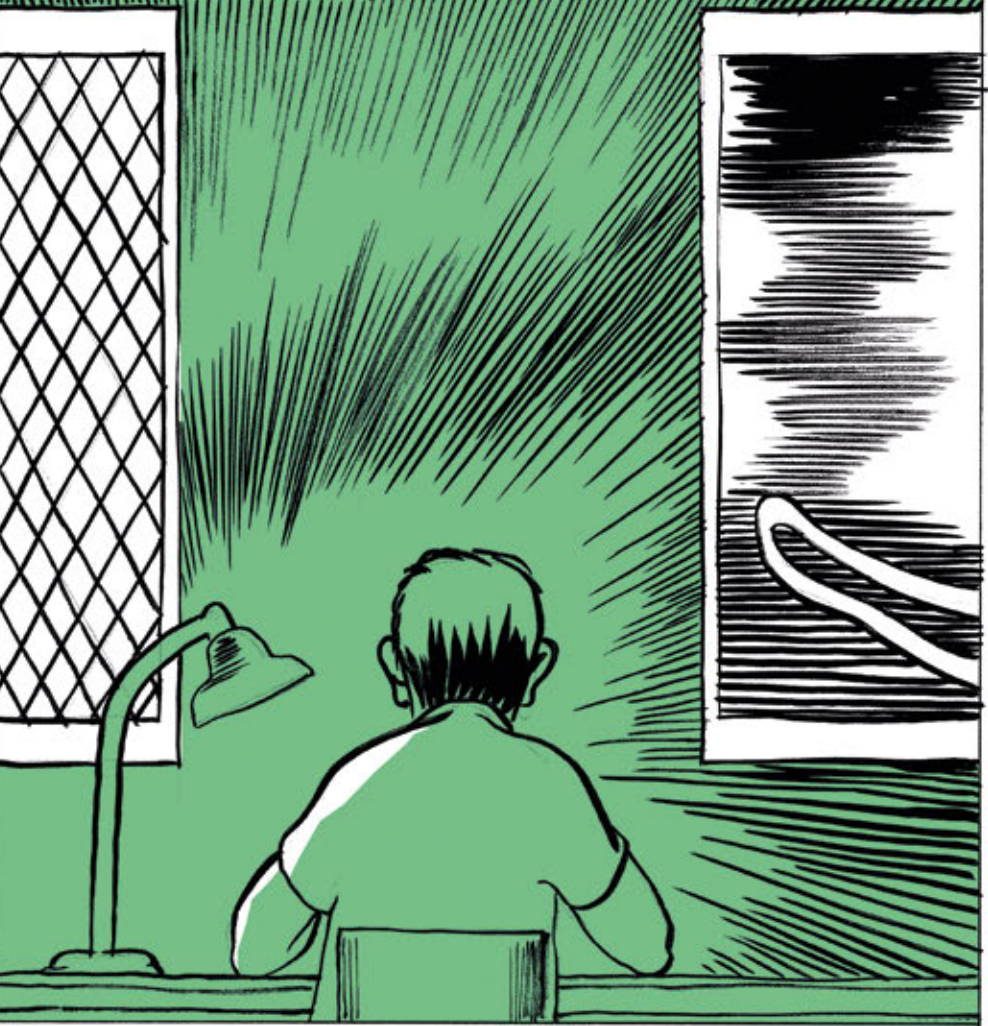
DIOGO BENTO

Diogo Bento (Vila Real, 1984) estudou Fotografia e Arquitetura Paisagista. Vive e trabalha em Mindelo, Cabo Verde. É membro fundador da AOJE, organização dedicada à promoção e divulgação da fotografia em Cabo Verde, sendo um dos impulsionadores do Festival Internacional de Fotografia de Cabo Verde (FIFCV). O seu trabalho autoral em fotografia tem-se desenvolvido em torno das questões do arquivo, identidade e paisagem, numa linguagem que se situa perto do documental. Tem participado em diversas exposições individuais e coletivas e tem-se dedicado também à prática curatorial. Divide a sua atividade profissional entre a docência de fotografia e história e teoria da fotografia, e exerce funções de direção criativa e direção de fotografia no atelier de design e imagem Koiástudio, do qual é cofundador.

ACABOU O MESTRADO QUE A GULBENKIAN LHE TINHA DADO PARA QUE ESQUECESSE A BANDA DESENHADA E O PROBLEMA FRANCISCO VENDEU MUITOS MACACOS E CONSTRUÇÕES E AGUENTOU-SE A TONA DE ÁGUA POR DOIS ANOS.



DEPOIS VIERAM OS PROBLEMAS DO FRANCISCO. PORQUE DA ARTE DEIXOU DE TER DINHEIRO PARA VIVER, O FRANCISCO ENTROU NAQUILO A QUE OS PSIQUIATRAS CHAMAM DEPRESSÃO MAJOR.



Apoios



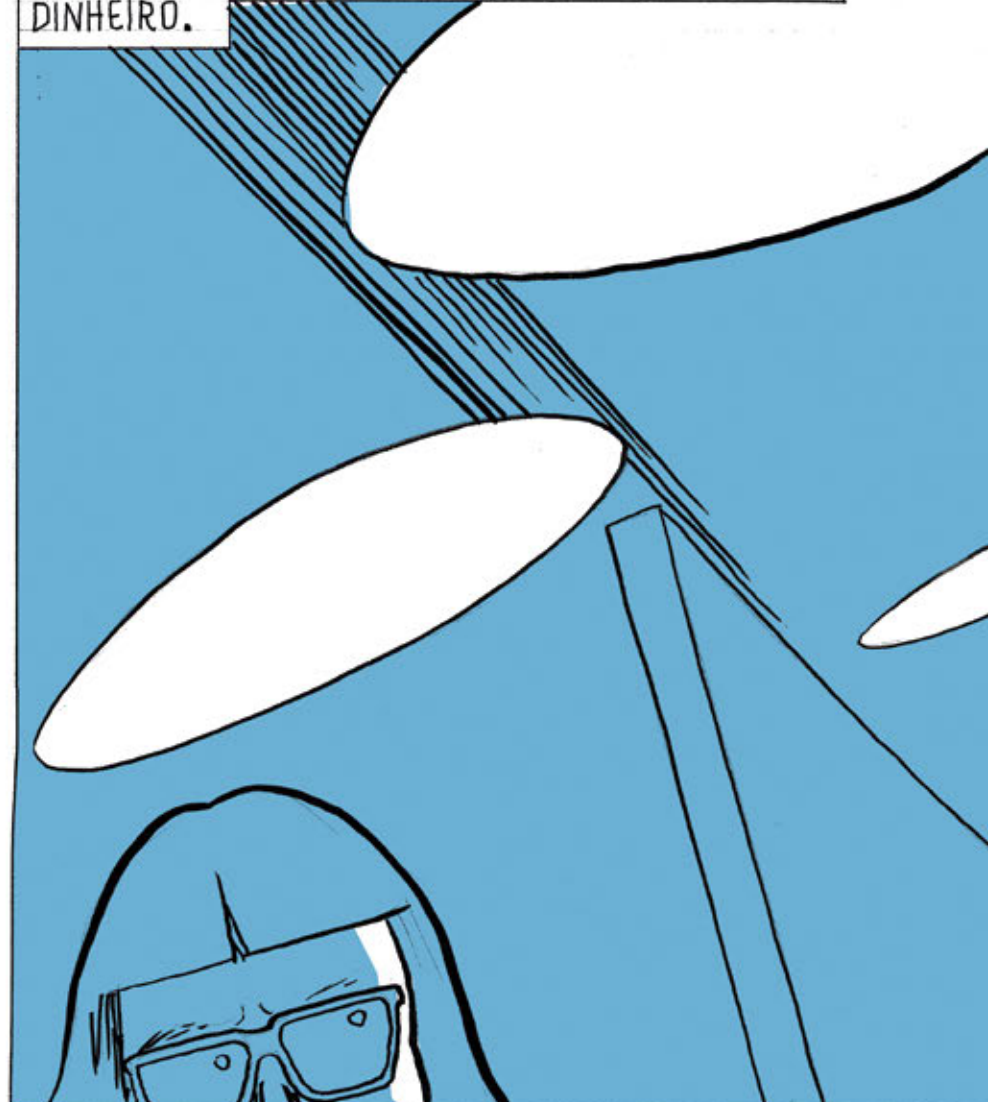
O PROBLEMA FRANCISCO CONTINUOU A VIVER EM LONDRES MAS PERDEU-SE. PERDEU-SE NA BANDA DESENHADA PARA CONSUMO INTERNO.



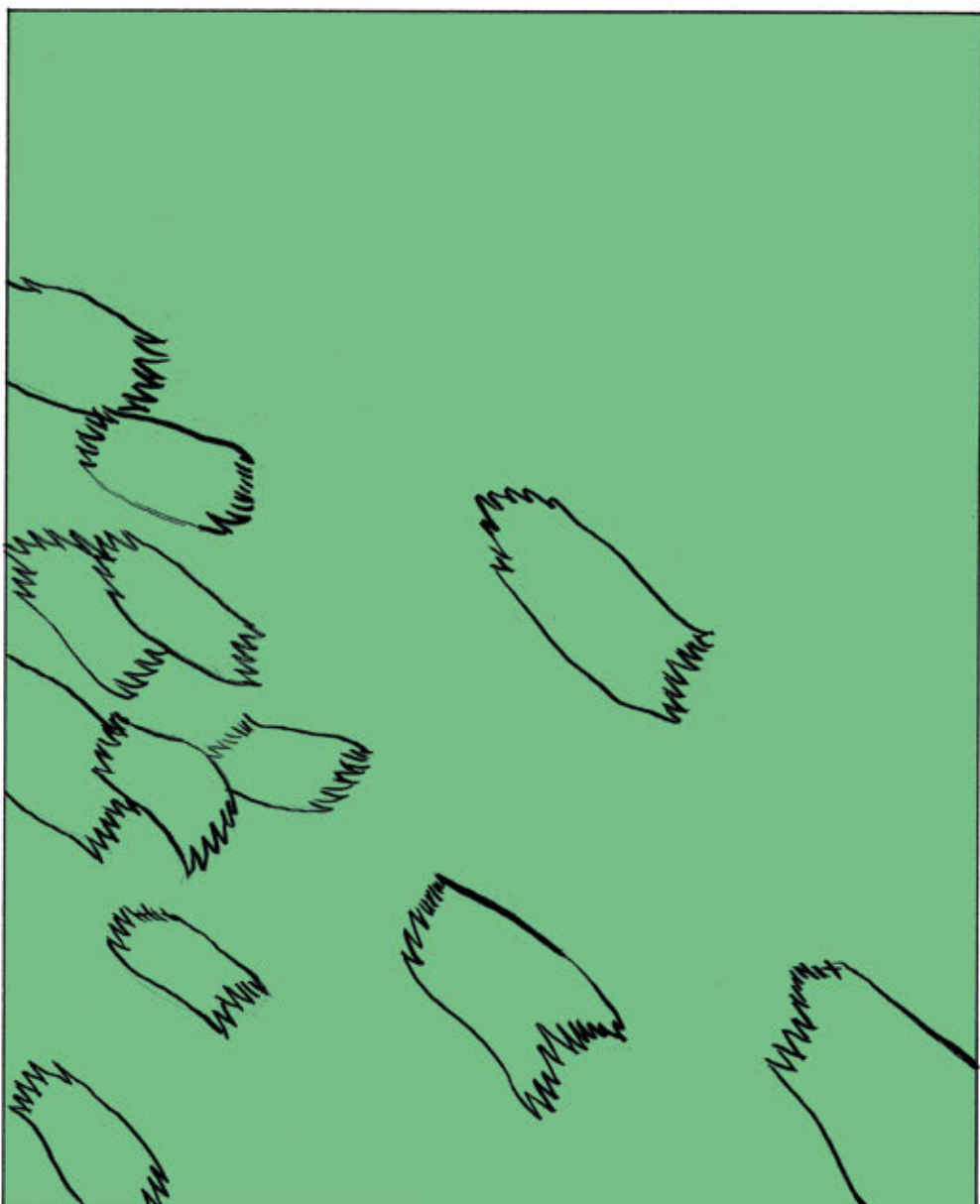
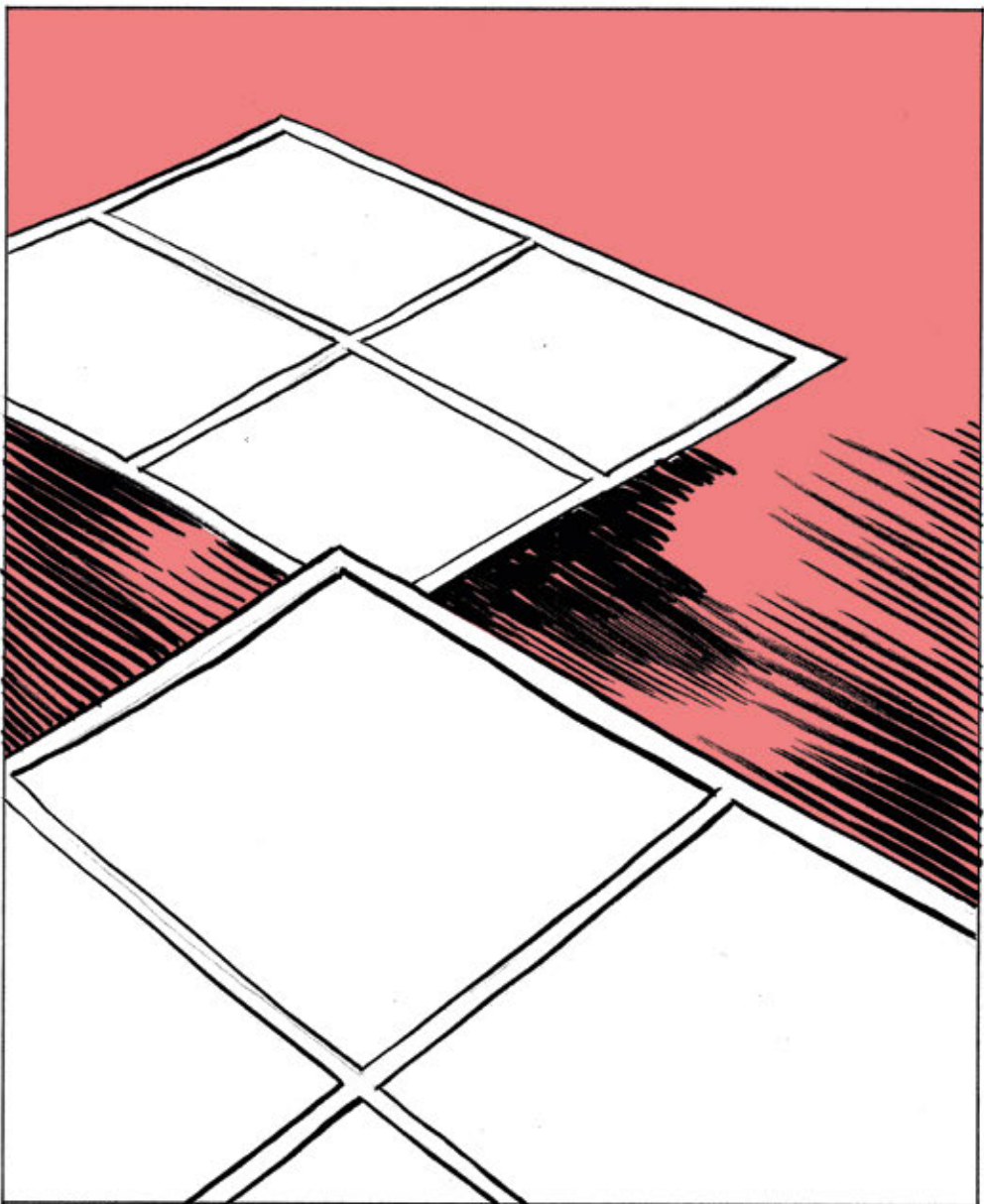
NO FIM RASGAVA TUDO O QUE TINHA FEITO DURANTE O DIA, EM MILHARES DE BOCADINHOS, PARA A MAIOR GLÓRIA DA CULPA E DA VERGONHA.



O PROBLEMA DO FRANCISCO ERA NÃO TER DINHEIRO, NEM PERSPECTIVAS DE EXPOSIÇÕES QUE RENDESSEM DINHEIRO.



HAVIA UMA CRIANÇA A CAMINHO, E O PROBLEMA FRANCISCO RESOLVEU VOLTAR À ARQUITECTURA. DE DEPRESSÃO MAJOR PASSOU A SURTO PSICÓTICO



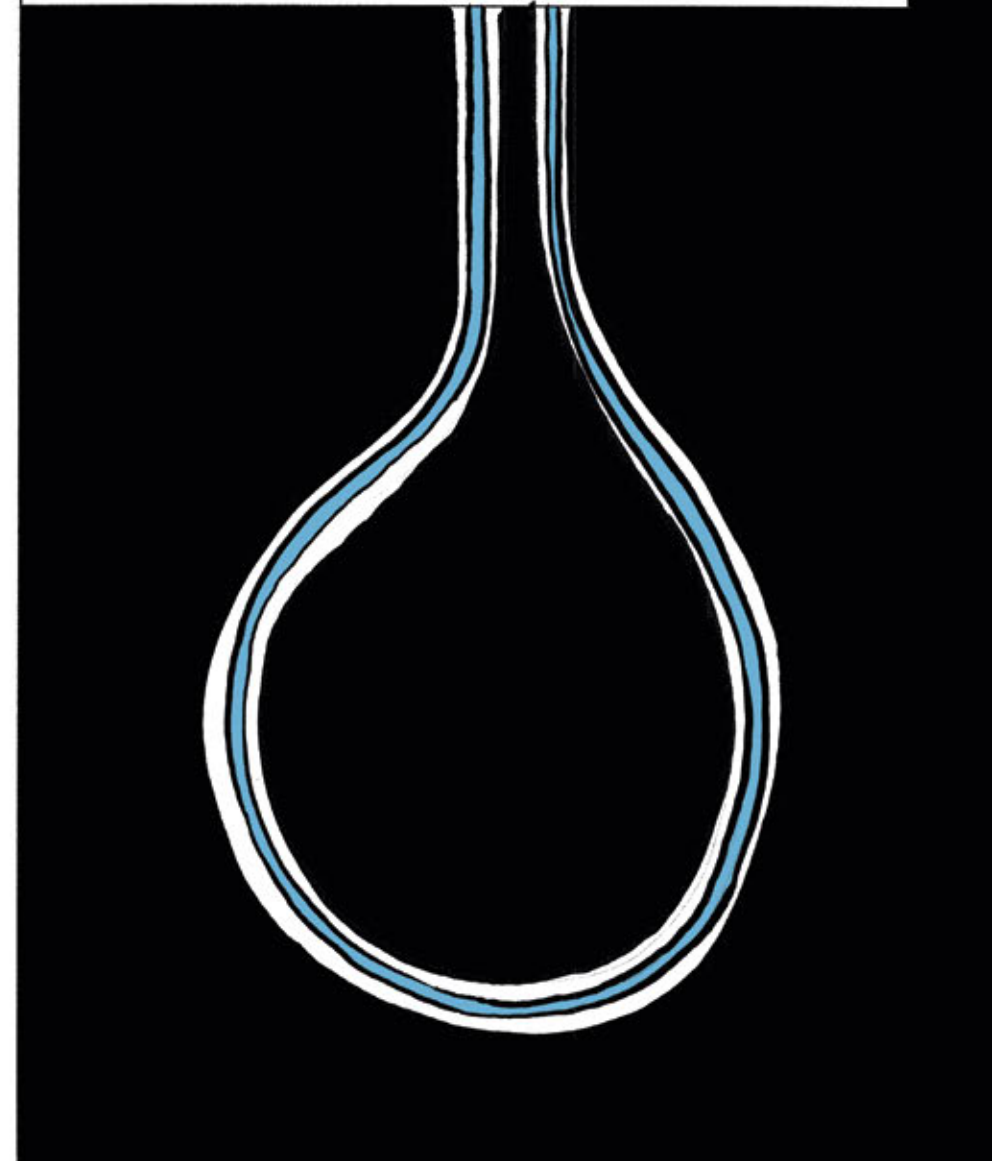
O PROBLEMA FRANCISCO DESPEDIU-SE, E LEVOU O SEU PROBLEMA DE FÉRIAS. EM ÁFRICA RECOMEÇOU A OUVIR VOZES, COM SINTOMAS PRÓXIMOS DO SÍNDROMA DE TRUMAN.



TODO O MUNDO SABIA AGORA DOS PROBLEMAS DO FRANCISCO, E A SUA BANDA DESENHADA AUTO-DESTRUCTIVA ERA AGORA ASSUNTO DE RUA, DE RÁDIO E TELEVISÃO. HAVIA INCLUSIVE JORNAIS E LIVROS A SEREM EDITADOS SOBRE O PROBLEMA DO FRANCISCO.



FRANCISCO TENTOU ACABAR COM O PROBLEMA FRANCISCO.



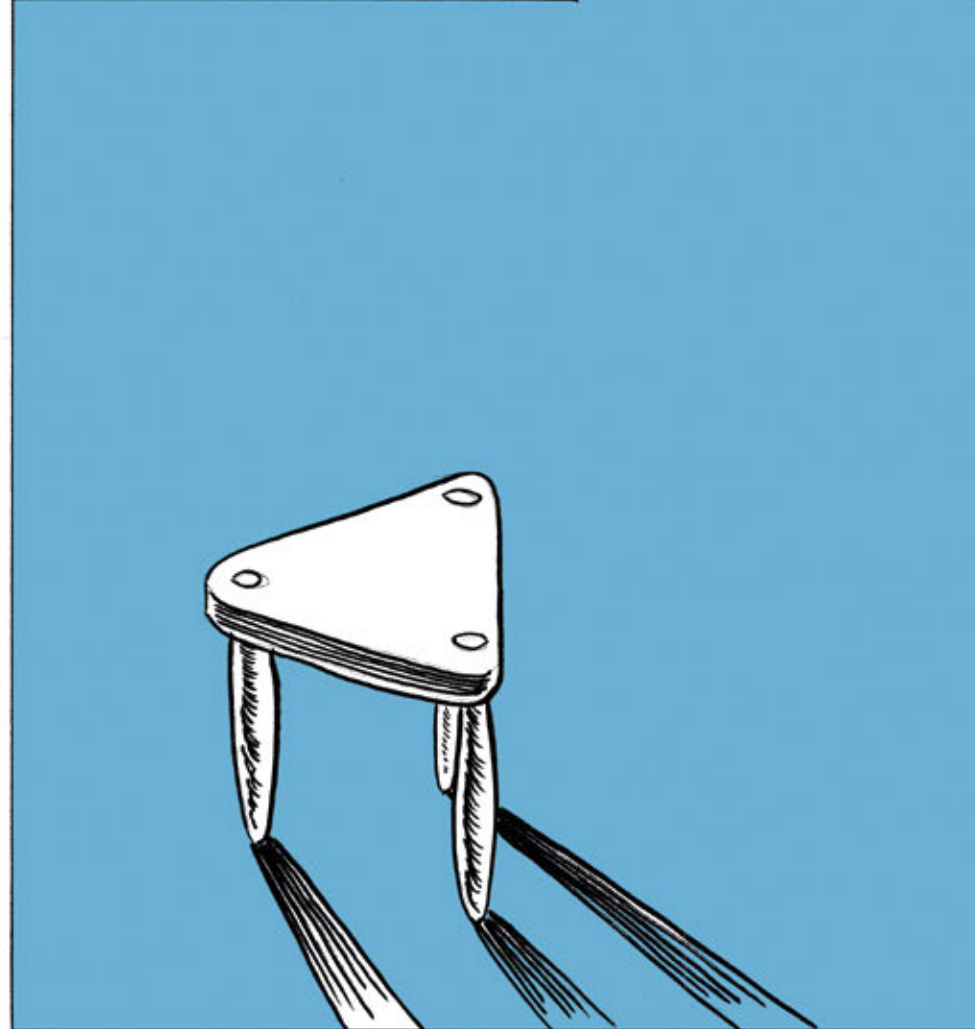
LEMBRAS-TE DAQUELE ANJO DO WALTER BENJAMIN, A OLHAR PARA TRÁS ?



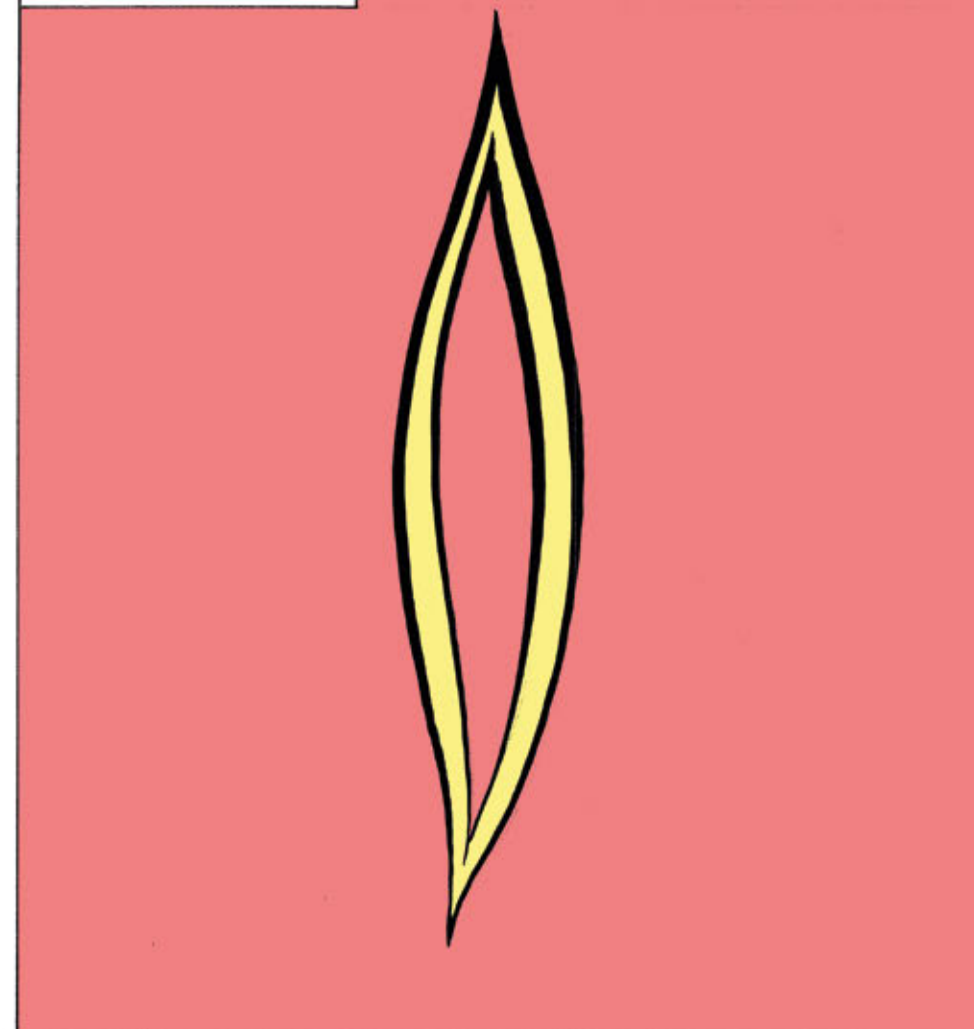
TAMBÉM A BANDA DESENHADA É AGORA UM PROBLEMA PARA O FRANCISCO, NÃO PELO DINHEIRO QUE NÃO DÁ, NEM PELO LADO SECRETO QUE JÁ PASSOU, MAS PORQUE É DE FACTO UM PROBLEMA TÃO VASTO COMO A ARTE E A LITERATURA, A BANDA DESENHADA É O PROBLEMA DOS PROBLEMAS PARA O FRANCISCO.



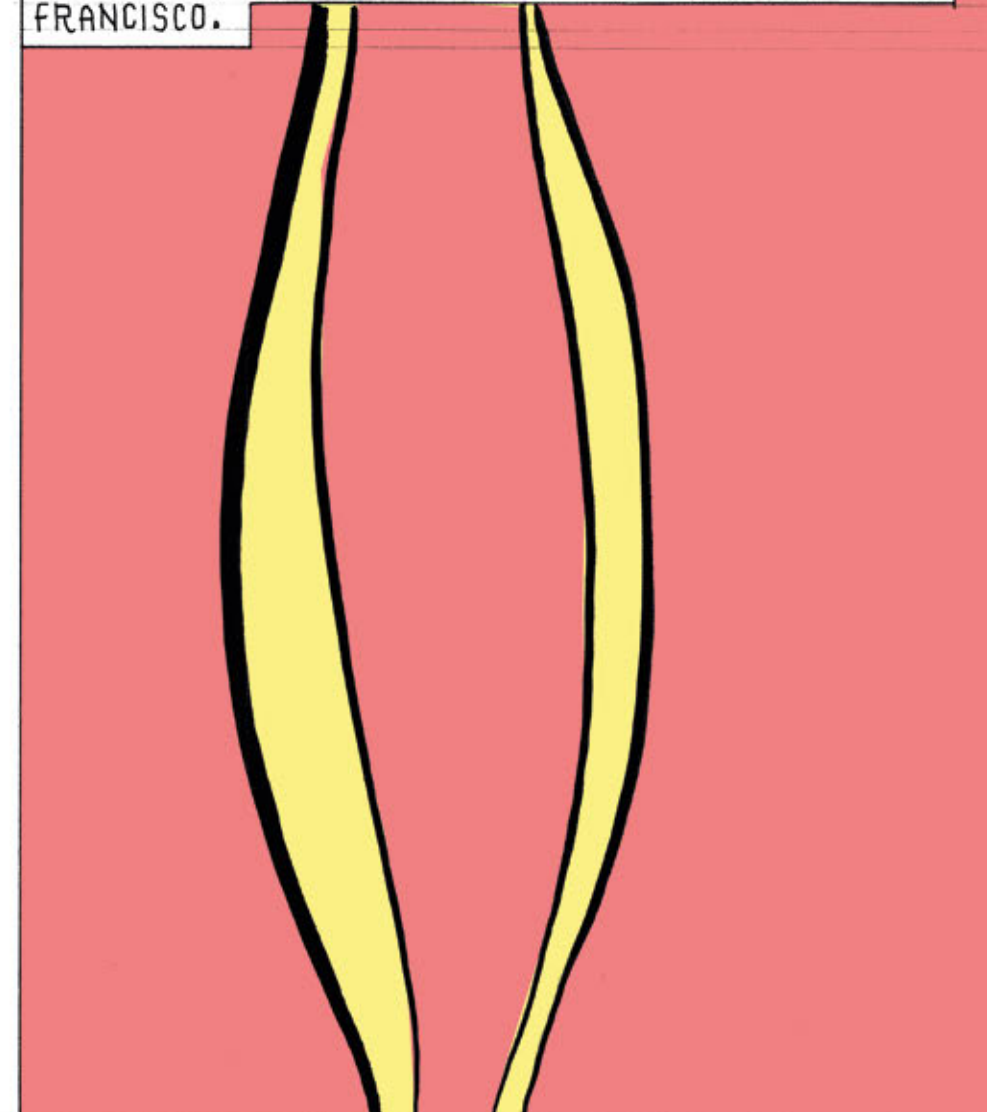
O PROBLEMA FRANCISCO PREPARA-SE PARA ACABAR UM DOUTORAMENTO EM ARTE EM GOLDSMITHS SOBRE CRISE DE SIGNIFICADO, CRISE DE FORMA, E CRISE NA RELAÇÃO ENTRE FORMA E SIGNIFICADO.



O PROBLEMA FRANCISCO NÃO PERCEBE NADA QUANDO O ACUSAM DE LAMBER AS FERIDAS EM PÚBLICO, JÁ QUE A FERIDA É A ÚNICA ORIGEM POSSÍVEL DA BELEZA, NESTE MUNDO E NO OUTRO.



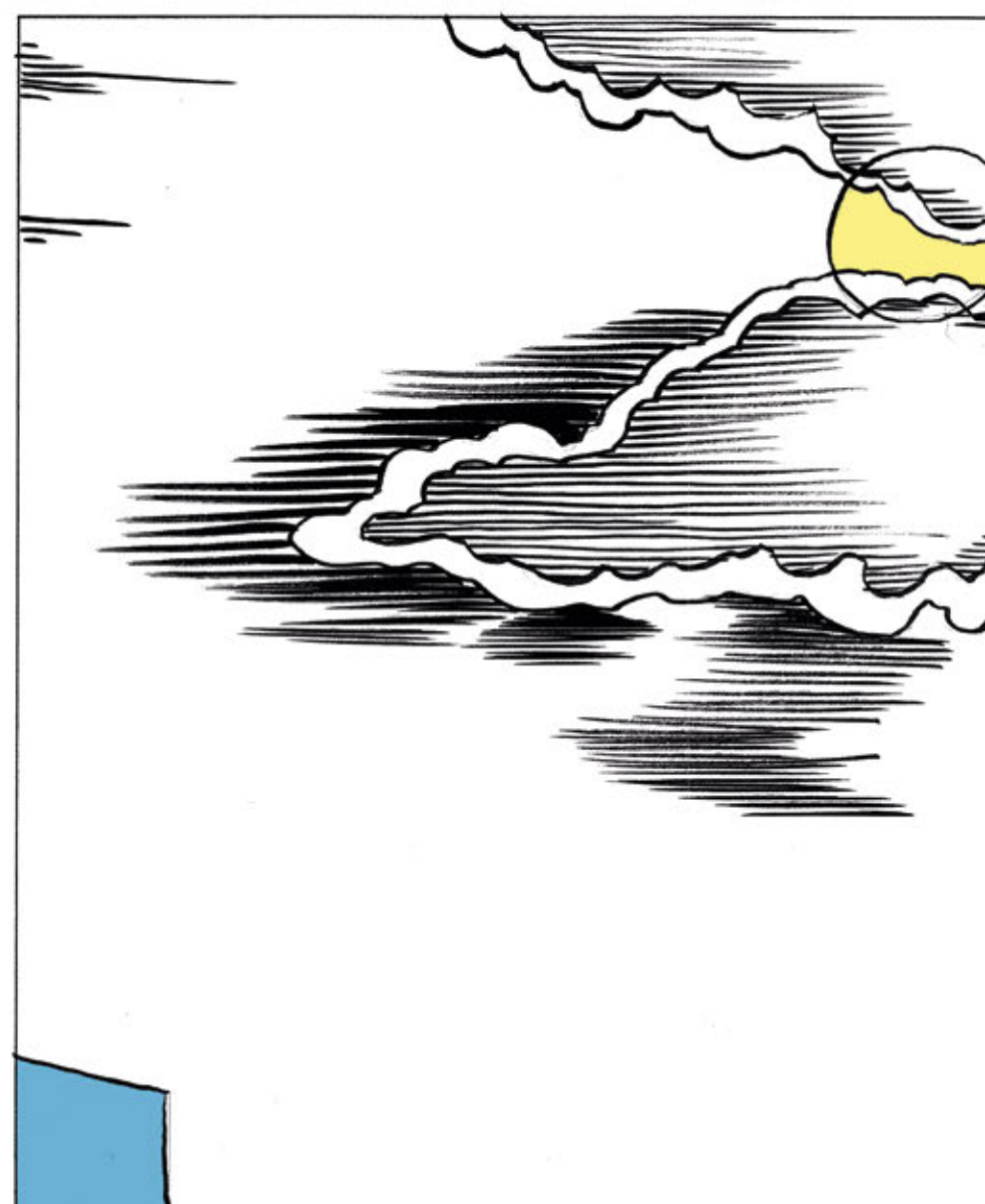
DA FERIDA QUE HÁ POR DETRÁS DA FERIDA, O FRANCISCO VÊ AGORA PARA FORA E PARA DENTRO DO PROBLEMA FRANCISCO.



VAI HAVER UM JÚRI, LIVROS DE BANDA DESENHADA, E MUITA ESCRITA SOBRE PROBLEMAS QUE SÃO E NÃO SÃO OS DO FRANCISCO.



O PROBLEMA FRANCISCO AGRADECE À GULBENKIAN O FINANCIAMENTO CEGO E GENEROSO DO PROBLEMA FRANCISCO; AGRADECE AO PASSADO SER OUTRO PAÍS; MAS AGRADECE PRINCIPALMENTE AOS PAIS.





Nº18

MAIO
2015

PRÓXIMO FUTURO É UM PROGRAMA GULBENKIAN DE
CULTURA CONTEMPORÂNEA DEDICADO EM PARTICULAR,
MAS NÃO EXCLUSIVAMENTE, À INVESTIGAÇÃO E À
CRIAÇÃO NA EUROPA, EM ÁFRICA, NA AMÉRICA
LATINA E NAS CARAÍBAS.

FUNDAÇÃO CALDUSTE GULBENKIAN
Avenida de Berna, 45A
1067-001 Lisboa